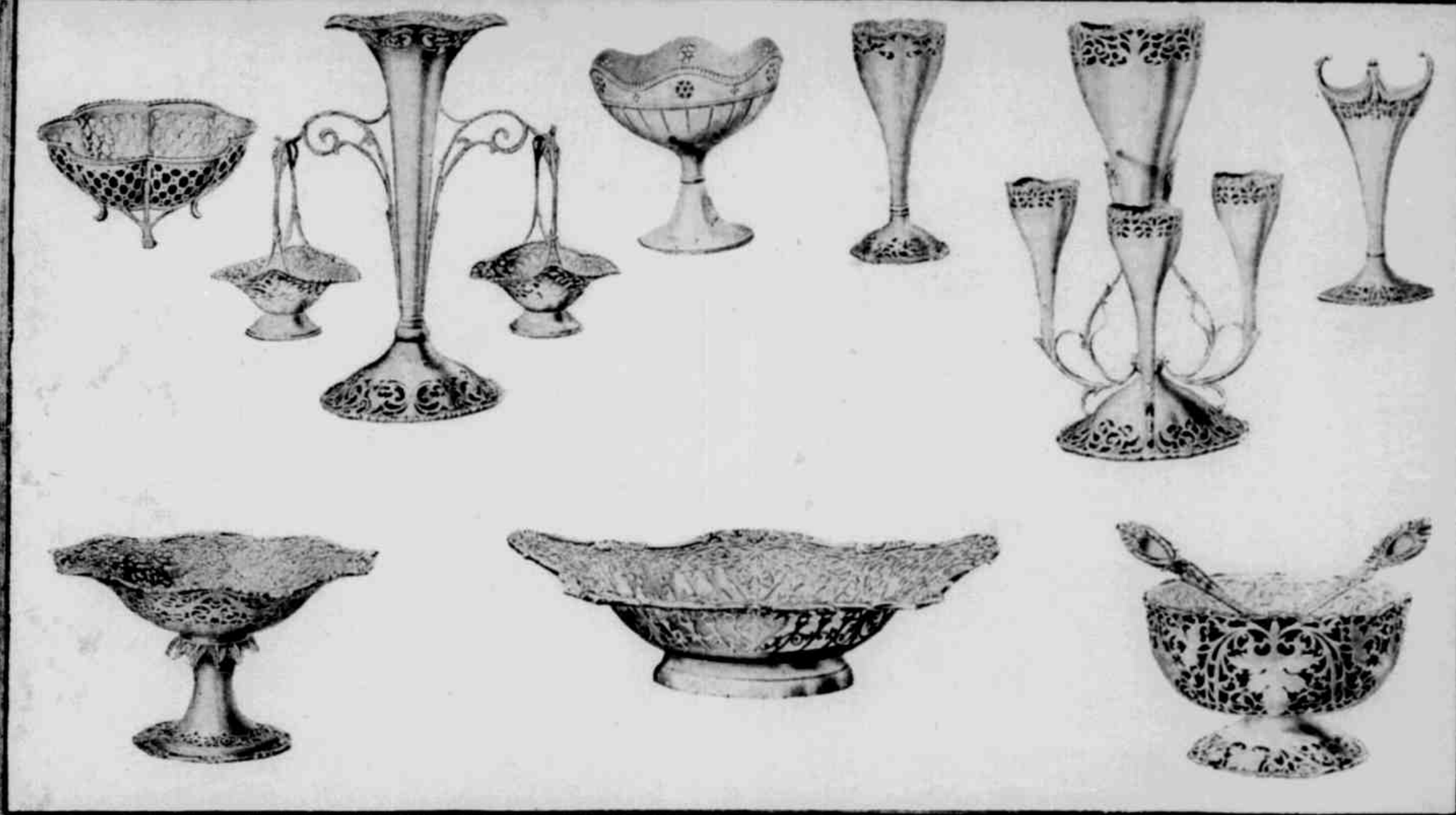
PREÇO 1$000

ANNO IV
NUMERO 209

Para todos...

:: :: JOALHEIROS E :: ::
FABRICANTES DE PRATARIA
SÃO PAULO
28 RUA 15 DE NOVEMBRO
MAPPIN & WEBB
100 OUVIDOR — RIO DE JANEIRO
PARIS
1 RUE DE LA PAIX
:: PEROLAS, BRILHANTES ::
E OUTRAS PEDRAS PRECIOSAS
BUENOS AIRES
28 CALLE FLORIDA

ROYAL STORE

Deixa á apreciação de sua distincta clientela, alguns de seus preços das suas secções de

CAMA E MESA "LINGERIE"

Fronhas com bainha ajour

40 x 40. . . . . 2$800
50 x 50. . . . . 3$200
55 x 55. . . . . 3$600
60 x 60. . . . . 3$900
65 x 65. . . . . 4$000
70 x 70. . . . . 4$300
60 x 40. . . . . 3$200
65 x 45. . . . . 3$500

Colchas brancas — Artigo superior

Reclame. . . . . 8$500

Lençóes trançados com bainha ajour

2m,00 x 1m,60. . . . . 9$800

Lençóes em cretone, bordados, preço de reclame

29$000

Lençóes de cretone, com bainha ajour

200 x 140. . . . . 9$500
200 x 140 (finissimo). . . . . . 11$800
220 x 160. . . . . 13$500
220 x 180. . . . . 16$900
250 x 200. . . . . 21$500
260 x 220. . . . . 24$000

Ricas guarnições para cama com finissimos bordados

Desde. . . . . 63$000

Variadissimo sortimento em pannos bordados para toilettes e guarnições

---

Toalhas para mesa adamascadas, com bainha ajour

150 x 145. . . . . 7$200
200 x 145. . . . . 10$200
250 x 145. . . . . 12$200
300 x 145. . . . . 15$000
350 x 145. . . . . 17$200

Guardanapos para chá

Duzia. . . . . 3$800

Guardanapos adamascados para mesa

50 x 50 (duzia). . . . . 11$200
60 x 60 (duzia). . . . . 14$500

Guarnições completas para chá

Desde. . . . . 50$000

Cortinados mosqueteiros para casal

Reclame. . . . . 68$000

Grande variedade de colchas brancas e de cores

Guarnições para cama e cobertores

Finissimas toalhas para rosto

Reclame. . . . . 2$000
Camisas de dia com bordados. 3$500
Camisas de dia, com bordados finos. . . . . 5$500
Camisas de dia finissimas. . . 6$000
Camisas de dia com bordados finos. . . . . 7$500
Camisas de dia, com applicações fillet. . . . . 8$500
Camisas de dia, bordadas a mão. . . . . 10$000
Calças bordadas. . . . . 4$800
Calças com finissimos bordados 5$500
Calças de cambraia com finos bordados. . . . . 14$500

Camisas de noite, artigo superior. . . . . 6$000
Camisas de noite, com bordados. . . . . 7$500
Camisas de noite, com finos bordados. . . . . 11$500
Camisas de noite, com bordados suissos. . . . . 12$500
Camisas de noite, com bordados suissos. . . . . 17$500
Camisas de noite com rendas de filet. . . . . 24$500
Camisas de noite em cambraia artigo superior. . . . . . . 24$000

Combinações com renda finas a

18$000 e 21$000

Combinações de seda — Artigo finissimo

37$500

Guarnições de cambraia de linho, bordadas á mão

Reclame. . . . . 60$000

Finas guarnições em cambraia para enxovaes

Confeccionadas á mão com rendas verdadeiras

187, Rua do Ouvidor, 189

Telephone N. 6717

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

GAUCHO (Rio) — Força e permanencia de instinctos sensuaes. Vontade firme e ambiciosa. Espirito idealista, muito irrequieto e um tanto desconfiado. Ha bondade cordial e grandeza d'alma.

DANTON (Cascadura) — Por excepção — visto que não preencheu todos os requisitos de um pedido para estudo graphologico — podemos dizer-lhe que é um espirito superior, alcandorado num grande idealismo, talvez literario. Que é um artista, no sentido lato do vocabulo, não se póde contestar. Tem a faculdade do *savoir faire*, principalmente no exprimir pensamentos. Affecta uma grande ponderação espiritual; entretanto, não a tem. Uma das provas disso é a sua tendencia para estar em opposição ás opiniões do meio em que vive. Nisso ha tambem uma certa vaidade, que é um de seus caracteristicos, assim como o amor ao *dolce far niente*. Sua vontade é forte e um tanto brusca, denunciando o impulsivo. Tem alguma bondade cordial, mas está longe de ser um philantropo.

A. R. (Cantagallo) — Pela graphia do cartão que nos enviou percebe-se um espirito nervoso e um tanto desconfiado. Domina-o um idealismo tenaz, mortificante, uma ancia de attingir um fim que, aliás, não está bem nitido. Parece um dissimulado, mas é apenas um indeciso. Entre as suas ambições figura a da pecunia, não obstante o traço fortemente idealista..

RUTH NAGEL (Rio) — E' uma natureza forte, de vontade intensa e persistente. Tem algum idealismo e detesta a futilidade. Entretanto, vê-se obrigada a concordar com o meio e a ser tambem futil. Intimamente protesta, por se sentir mal, mas sabe apparentar a ductilidade indispensavel para se tornar querida dos que a cercam. No intimo guarda a presumpção da sua superioridade! Sabe tratar optimamente dos seus interesses. Nisso põe de parte quaesquer fantasias e emprega toda a sua força espiritual, que é intensa. Pouca bondade cordial.

HORSE (São Paulo) — Animo pouco prudente, cheio de audacias, quasi sempre mal succedidas. Ha nisso uma certa manifestação de grande vaidade, de uma convicção intima de força irresistivel. De sorte que, perante os insuccessos, a sua desillusão desfaz-se em colera, ás vezes esbravejante. Fóra dessa particularidade caracteristica é um excellente coração, capaz de todas as ternuras e das maiores generosidades.

HERCILIO (Paquetá) — Alma branda e poetica, encarando o mundo só pelo lado roseo. Incapaz de uma reacção, procura andar sempre de accordo com os outros para evitar contrariedades e controversias. Sua falta de energia não é, porém, fraqueza espiritual: é commodismo. Seu espirito vibra muito, mas em torno de cousas subjectivas. E' o seu cerebro é capaz de conceber as cousas mais interessantes. Tem um notavel poder verbal, e a sua palestra deve ser encantadora.

EMERILDA (São Paulo) — O que ha de mais notavel no seu ser é o capricho, mas esse estado de espirito irrequieto, que ora diz — sim, ora diz — não. Não é por mal, nem por defeitos de percepção: é só para fazer sentir a sua discordancia com o senso commum. O coração é fechado ao amor e á caridade. Entretanto, para certa gente e em certos casos é capaz de muita bondade e muita doçura.

SPHINX (São Paulo) — Com a idade que diz ter, não sabemos que surprezas póde "sentir", deante do espelho. Mire-se agora no graphologico: Instinctos sensuaes fortes e permanentes, mas subordinados a um certo idealismo poetico — o que talvez explique o muito de voluptuosidade que tanto a distingue. O espirito, entretanto, não é dos mais vibrantes, talvez por egoismo, para gosar sózinha as doçuras que imagina. Ha tambem nos seus modos grande compostura e discreção. Ha poderosa força de vontade, mas sem caprichos autoritarios. E o coração só tem bondade caritativa. Em amôr é ferozmente egoista.

AGLAE (Rio Grande do Sul) — Affecta uma grande seriedade, mas, de facto, o seu espirito não é dos mais ponderados. Ha nelle, de envolta com boas qualidades, uma futilidade permanente, um visionarismo curto sobre a vida. Não lhe faltam, entretanto, as maiores sympathias. Dispõe de um modo franco e um trato amavel. As qualidades voluntariosas são fortes, mas bem complacentes. Deve ser feliz no presente e no futuro, pois o seu temperamento m[illegible]cre agrada a todos. Tem algum sonho que occulta ás vistas profanas e sobre cuja realisação nutre sérias duvidas. O seu coração é um tanto frio, apparentemente.

MANON (Rio) — O caso não é para "descobrir": é apenas para deduzir e constatar. O que logo se nota é o predominio idealista na sua natureza, mas subordinado a um espirito caprichoso, que se compraz em contradictar os outros e até contradizer-se a si proprio. Sua vontade tambem é cheia de caprichos, ora teimosa, ora tolerante e displicente. Mas na sua personalidade existe o attractivo da distincção, que se manifesta ainda mesmo atravez dos seus maiores defeitos — de sorte que estes desapparecem em grande parte, pelo menos á percepção dos pouco avisados. Tem muita bondade cordial e isso auxilia a "camouflage" do seu ser caprichoso.

LILI (Rio) — Mixto de puro materialismo — o dos instinctos sensuaes — com uma excessiva delicadeza de trato. Tambem o espirito se resente desse cruzamento e ora é frio, ora vibrante; ora expansivo, ora retrahido. Sua vontade é, sobretudo, decidida; não é, porém, audaciosa e fica sempre nos limites do possivel — pelo que quasi sempre consegue o que pretende. E' bom o seu coração, mas nutre um certo egoismo no terreno de Cupido.

SARASATE (São Paulo) — Grande farcista. Sabe encobrir perfeitamente os seus defeitos e salientar as suas poucas virtudes. Entre aquelles sobresaem o seu orgulho quasi sempre impertinente, e o egoismo feroz pela posse do dinheiro. Nas virtudesinhas póde-se contar a actividade espiritual e a scintillação da sua veia comica.

POETISA (Montenegro) — Para justificar alguma cousa o que seus paes pensam de si, vemos apenas a qualidade voluntariosa extremamente desenvolvida, muito difficil de recuar. Naturalmente, nem tudo póde conseguir, e é precisamente quando se sente contrariada que a sua irritação apparece. Mas não ha duvida de que essa propria voluntariedade tem a cotação de virtude, mórmente num meio tão cheio de indecisões, como é o nosso.

E além disso, o seu espirito é muito insinuante, muito cheio de vibração, quasi sempre idealista.

Tem sinceridade no que diz e no que faz, e grandeza d'alma para reagir contra adversidades. O coração é muito inclinado á philantropia.

"Illustração Brasileira", magazine illustrado, collaborado pelos melhores artistas e escriptores nacionaes e estrangeiros.

OS MAIS BELLOS CONTOS DE FADAS — NO ALMANACH DO "TICO-TICO" PARA 1923

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

—

OSWALDO CLAUDIO (Porto Alegre) —Tem você toda a razão, camarada.

Marie Prevost

ALMA AMARGURADA (?) — 1° Italiano, francez e inglez. 2° 485, Fifth Ave. N. Y. C. 3° Idem.

TIROÇA (Alagoas) — 1° Universal City, Calif. 2° Não sabemos. Sahiram em varios. Não temos tempo para rever a collecção.

GUARACY BARRETO (Rio Grande) — Encontral-o-á na Repartição dos Correios.

J. M. ITABORAHY — Breve. 1° Lá mesmo por um empregado brasileiro. 2° Frances Ring. 3° Não sabemos.

OLAVO WHITE (Camarú) — Nenhuma faz essa cousa, meu caro. Cavação, pura cavação até aqui. Harry Liedtke. Da outra não temos o endereço.

XERERE (Rio) — Só Cinco de cada vez — 1°-6-8 West 48th, Str. N. Y. C. 2° 1.476 Broadway, N. Y. C. 3° 485, Fifth Ave. N. Y. C. 4° Idem; 5° Idem; 6° Universal City, Calif.

FRANCK WILLIAM (Natal) — William Desmond é actor. Idem Taylor era director de scena. Não confunda.

OSWALDO CLAUDIO (Porto Alegre) — 1° 485. Fifth Ave. N. Y. C. 2° Universal City, Calif. 3° 10th. Ave. 45thto 46th. Str. N. Y. C. 4° Idem; 5° Universal City, Calif.

NHANHA (Itapemim Mirim) — Que culpa temos nós das irregularidades do Correio?

R. GANZ (Rio) — Só respondemos por aqui. Universal City, Calif.

E. CAMARA LIMA (Rio) — Só 5 de cada vez. 1°, 2°, 3° e 5° 485, Fifth Ave. N. Y. C. 4° 6-8 West 48th Str. N. Y. C.

Ben Turpin Shakespeare

LYSITA SYLLA, DAISY JOHONSONS (Porto Alegre) — Queiram ler a recommendação que fazemos no cabeçalho desta secção.

MIMOSA SONHADORA (Rio) — 1° 26,1,60; 2° 25, 1,56; 3° 32, 1,54; 4°, 22, 1,53; 5° 29, 1,60.

BENEDICTO DOS SANTOS (Rio Claro)— 1°, 2° e 4° — 485, Fifth Ave. N. Y. C. 3° Universal City, Calif.

LITTLE PAINTER (Bello Horizonte) — Sabe o que é a concurrencia? Tres grandes revistas cinematographicas, genero commercial, se disputam a primazia e a freguezia nos Estados Unidos.

Como cada vez se faz mais cruel essa concurrencia, cada qual procura dar primeiro que as outras os informes sobre films ao publico, mas isto só de algum tempo para cá; desta sorte temos as vezes sua publicação feita muita vez antes da exhibição. Dahi os possiveis enganos, que aliás pouco adeantam ou atrazam. Não é o typographo, é o revisor.

A. MEDEIROS (Guaranesia) — Providenciamos.

H. MAGALHAES (Veado) — Casada com Douglas Fairbanks.

DENA (Prados) Entregue ao graphologo.

M. WANDERLEY (Parahyba do Norte) — Só respondemos por aqui. Esta secção serve aos nossos leitores. Se soube de sua existencia por amigos dirija-se a elles e indague o endereço pedido.

LEOPOLDO (Pelotas) — Universal City, Calif.

BRAZILINO (Camarú) — Pois sim.

OLGA SOUZA (Rio Grande) — Só respondemos por aqui. Não faça tolices e fique quietinha ao lado dos seus paes. E' o que tem de melhor a fazer.

HUGO (S. Simão) — E' fabrica.

DEMETRIO (Rio) — 1° Berlim, Wilhlemstrasse 27 w. 2° e 3° 485 Fifth Ave. N. Y. C. 4° Universal City, Calif.

A. GARCIA (Rio) Brevemente.

CLÉO (Pinda) — Vamos pensar nisso. Louro, olhos azues claros, 26 annos. Breve.

JOSE' COLLADO (S. Paulo) — Que podemos nós fazer? Dirijam-se ao seu proprietario e reclamem.

A. P. (Nictheroy) — Manda. 485. Fifth Ave. N. Y. C.

LEITORA INCANSAVEL (Rio) — 1° Monte Blue 1,87. 2° Está na Hollanda; 3° Breve; 4° 485, Fifth Ave. N. Y. C.; 5° Breve.

JANE (Rio), 485, Fifth Ave. N. Y. C.

G. H. T. (?) — 1° Divorciada. Tem uma filha; 2°. Varios. Não sabemos o que vem primeiro; 3° Idem.

MIMOSA SONHADORA (Rio) Só cinco de cada vez. 1° 24, 1,60; 2°. 29, 1,59; 3° 28, 1,72; 4° 24, 1,59; 5° 27, 1,70.

MISS FALMA — (?) — Está no theatro.

Atonewall Jackson-Harold Lloyd

J. M. DE ITABORAHY (Itú) 1°. Já publicamos em varios numeros a resposta a essa pergunta; se não a leu é que não é leitora habitual e nesse caso não temos o menor interesse em repetir; da mesma sorte respondemos ás suas outras perguntas, sendo que algumas nem pertencem ao menos a esta secção.

FLOR DE MANACA' (?) — 1° 8 annos, First National Association; 2° America do norte; 3° 485. Fifth Ave. N. Y. C. Escrever-lhe; 4° Não está de accordo com a nossa orientação nem com os interesses desta revista.

EDMUNDO BIBLER (Corityba) — Pois sim e não ha de que.

H. CAMPEIRO (Porto Alegre) — 1° Está trabalhando no theatro. E' casado. 2° Trabalha indifferentemente aqui e ali; 3° Da mesma sorte. Casado.

*

Passam actualmente e com successo em Vienna "Jocelyn" film francez e "Sete annos de Urucubaca" de Max Linder.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3833. Caixa Postal Q.

Os Films da Semana

Quasi não interessou a programmação da semana que registramos. E' verdade que, por isso, não soffreram a falta de seus *habitués* as melhores casas da Avenida. O Odeon e o Avenida tiveram sempre bastante publico. Tambem o Pathé. Sómente o Palais, o Central e o Parisiense, que já são os menos frequentados, ainda menos espectadores contaram em suas machinas registradoras.

No Palais, a falta de publico, aliás, explicava-se bem. *S. Ex. de Madagascar*, producção allemã, posada por Eva May e Karl Kuszar, é uma dessas estopadas que só a empreza do Palais tem coragem de exhibir aos incautos, aos desprevenidos...

O Central, depois de exhibir *Força de vontade*, film fraco tambem, atirou á sua platéa uma producção allemã — *Frederico, o Rei*, massadora e estafante.

O Odeon fez a semana com producções francezas. *Stella Lucente*, da Gaumont, é um pequeno romance dramatico, de motivo explorado, como tambem *Esposa martyr*, da Paramount. Ambos, um pobre e outro rico de enscenações, não agradaram.

Com *Stella Lucente* passou o 4º episodio de *Parisette*.

Seducção, da Realart, no Parisiense, por Montagu Love e Constance Binney, embora producção fraca, tem seus encantos e é bem toleravel.

Agradou bastante *Paixões da bella Hespanha*, por Evelyn Brent e David Powell. Como o titulo suggere, é um romance de amor forte e apaixonado, que se desenrola, agradavelmente, num ambiente especial, cujos costumes e vistosos scenarios muito concorrem para sua grandeza e seducção.

E' magnifico o trabalho de interpretação desse *film*.

Outro *film* bom foi *Honra acima de tudo*, por John Gilbert e Renée Adorée, isso porque, na primeira parte da producção, ha um episodio que photographa, admiravelmente, scenas da guerra das trincheiras. O *film*, cujo motivo tem ahi o seu inicio, tão admiravelmente trabalhado, é, depois, fraco.

OPERADOR N. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA 4 a 10 DE DEZEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
Gaumont. . .	Odeon. . . .	Stella Lucente.	Mlles Lyrisse e Merelle.	1922	... 5 ...
Paramount. .	Avenida. . .	Paixões da bella Hespanha (The Spanish Jade).	Evelyn Brent e David Powell. . . .	1922	... 6 ...
Paramount. .	Avenida. . .	Esposa Martyr (Beyond the Rocks). .	Gloria Swanson e Rodolph Valentino. .	1922	... 5 ...
Pathé N. Y..	Pathé. . . .	Honra acima de tudo (Honor First). .	John Gilbert e Rennée Adorée. . . .	1922	... 6 ...
Realart. . . .	Parisiense. . .	Seducção (The Case of Becky). . . .	Constance Binney e Montagu Love. . .	1921	... 5 ...
Hodkinson. .	Central. . . .	Força de vontade (Free air).	Marjorie Seaman.	1922	... 3 ...
Argos-Film. .	" . . .	Frederico, o Rei (Fridericus Rex). . .	Albert Steinruck.	1922	... 5 ...
	Palais. . . .	S. Ex. de Madagascar (?).	Eva May e Karl Kuszar.	1922	... 1 ...
Fox.	Pathé. . . .	A nova professora (The New Teacher)	Shirley Mason.	1922	... 5 ...

A DISTRIBUIÇÃO DA METRO NO BRASIL

A Paramount, dizem as revistas americanas e confirma o representante dessa empreza no Brasil, Sr. Vinhaes, acaba de firmar contracto com a Metro para distribuir no Brasil as producções desta ultima empreza productora.

Entre os films dessa marca que virão ao Brasil ha varios especiaes, super-producções que alcançaram grande successo não só nos Estados Unidos mas ainda em outros paizes, entre elles: "Os quatro cavalleiros do Apocalypse" (já está no Rio), "O prisioneiro de Zenda", "Trifflings women", de Rex Ingram"; "Broadway Rose" e "Jazzmania" de Mae Murray-Robert Leonard; os films de Viola Dana dirigidos por Harry Beaumont; comedias de Bull Montana; producções especiaes de Fred. Niblo, Max Graf, Louis B. Mayer: comedias de Stan Lankaurell e todos as mais producções de 1922-1923.

Com essa noticia confirmam-se as notas que faz mais de seis mezes publicámos sobre esse assumpto. Intervieram nas negociações por parte da Paramount, dizem as noticias Mr. Shauer e Mr. John Day.

Acceitemos a cousa como nos é dita mas ...cá para nós que ninguem nos ouve o facto real, inconcusso é a fusão dos interesses das duas emprezas, não só nesse contracto para o Brasil mas em toda a sua plenitude, Marcos Loew pae da nora de Adolpho Zukor... Marcos Loew comparecendo a uma convenção dos altos funccionarios da Famous Players... o contracto do Brasil agora.

Cremos bem que a nossa reportagem de mezes atrás está plenamente confirmada.

* * *

J. Gordon Edwards acaba de regressar da Palestina, onde dirigiu a filmação do romance "The Shepherd King" (O Rei Pastor), da autoria de Wright Lorimer, e que opportunamente será exhibido na America do Sul. Este famoso romance, que tem alcançado um ruidoso successo nos Estados Unidos e na Inglaterra, e que tem sido traduzido em varios idiomas, refere-se á vida de David, desde que era um simples pastor, em cuja epocha matou o gigante Golias, até ao tempo em que foi proclamado Rei de Israel.

Para emprestar ao film a côr do ambiente caracteristico dos logares onde occorreram os successos da novella, foram todos os interpretes dos differentes papeis ao Cairo e ao Egypto, e dahi até as Pyramides e á Esphinge. No Egypto, tomou parte no film uma verdadeira multidão de naturaes do paiz.

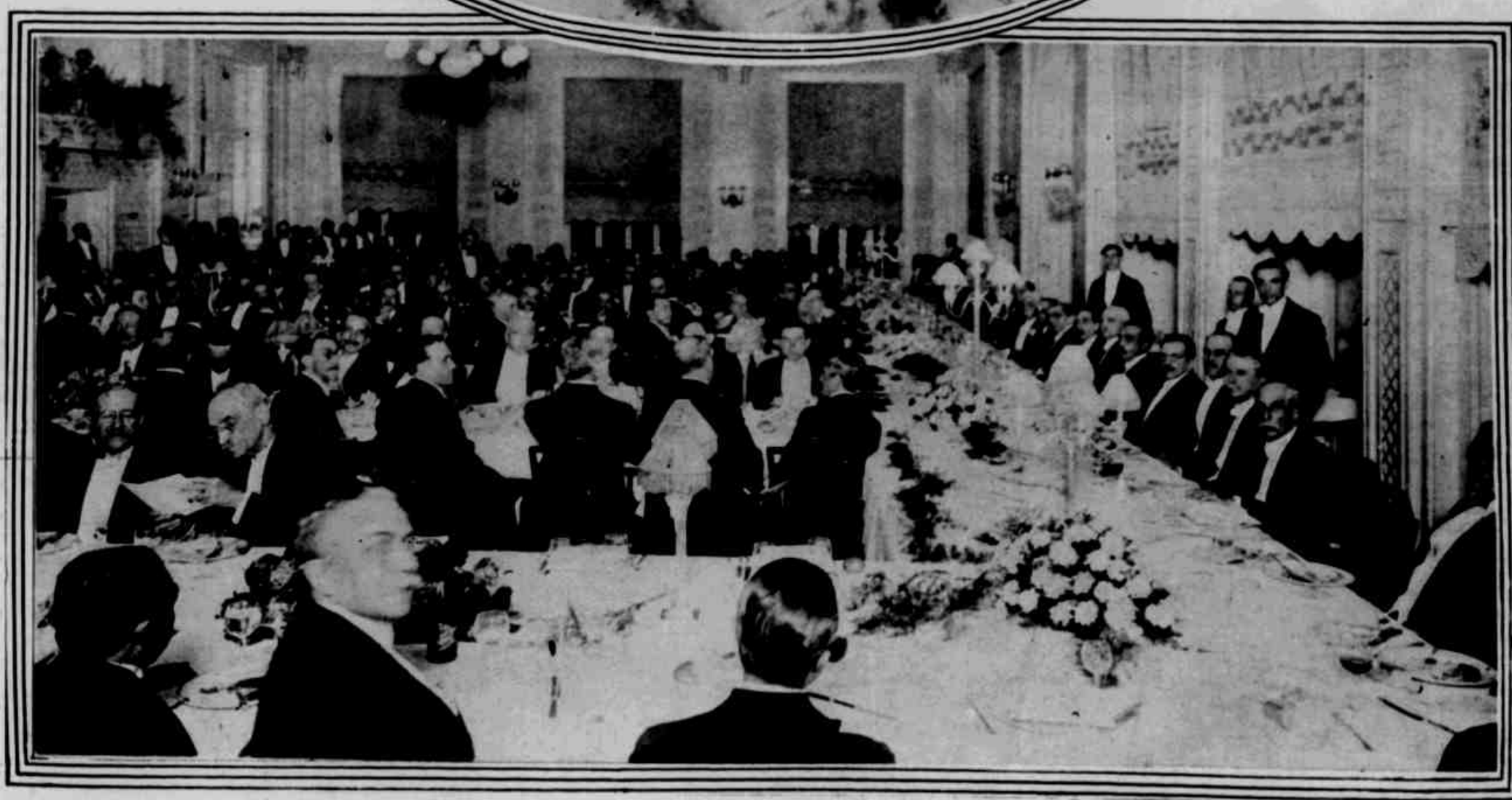
Com taes scenarios, que jámais poderiam ser reproduzidos fielmente na téla em films tomados em "studios", o Director da Fox ornou o prologo, no qual apparece Moysés conduzindo os Israelistas desde o seu paiz de servidão até as regiões immensas do deserto. As demais scenas foram filmadas em Jerusalem e arredores. A que se refere á batalha com o gigante Golias foi tomada no mesmo valle onde teve logar o combate historico descripto na Biblia.

O papel de Golias foi interpretado por um egypcio de quasi dois metros e meio de altura, um personagem bem conhecido no Cairo.

E' muito conveniente que todas as senhoras se convençam de que a applicação diaria de uma camada do finissimo e exquisito
PO' DE ARROZ MENDEL
significa levar á cutis suavidade, delicadeza e frescura, usando-o é burlar os estragos causados na pelle pela acção do tempo e transmittir aos naturaes encantos um singular realce que avalora e augmenta os seus meritos physicos.
Logo usar diariamente este excellente artigo do toucador é possuir permanentemente, juventude e belleza.
O Pó de Arroz Mendel possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar.
Usa-se nas córes branca, rosa, para as claras, de pouca cór, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (creme) para as morenas.
Vende-se em todas as perfumarias.
Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro n. 107, 1º andar. — Tel. Central 2741 — Rio de Janeiro.
Deposito em São Paulo: Rua Barão de Itapeteninga n. 50. — MENDEL & C
Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO

ALGUMA
COUSA PARA SER BONITA
Se chega o momento em que V. Ex. nota as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho de juventude — cravos, vermelhidões, espinhas, cutis aspera e resequida, precisa fazer ALGUMA COUSA para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e belleza á cutis.
Essa ALGUMA COUSA é o CREME POLLAH !
Ao CREME POLLAH está destinada a missão de distribuir a felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo absolutamente desapparecer as Rugas, Espinhas, Cravos, Manchas; dando diariamente á pelle a SUAVIDADE e o COLORIDO da primeira juventude.
POLLAH, o maravilhoso Creme da American Beauty Academy, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada o iguala para EMBELLEZAR, CONSERVAR e CURAR as imperfeições da cutis. Como Creme de toilette, deve ser usado POLLAH diariamente para dar a côr clara, suave, parelha, e adherir o pó de arroz, protegendo ao mesmo tempo contra o vento, sol, poeira e calor
Haverá por acaso algo que proporcione a uma Senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada ? POLLAH proporcionará essa certeza !
Essa é a admiravel missão do POLLAH.
Para efficacia no emprego do Creme POLLAH, enviamos gratuitamente a quem nos enviar o coupon, o livrinho A ARTE DA BELLEZA; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.
Córte este coupon e remetta aos Srs. Representantes da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, Sob. — Rio de Janeiro.
(Para todos...)
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

Para todos...

Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 1922

O BANQUETE AO SR. DR. JOÃO LUIZ ALVES, MINISTRO DA JUSTIÇA

S. Ex. entre o vice-presidente da Republica e o presidente da Camara. Aspecto da Sala do Palace Hotel, na noite de 7 deste mez.

DA' ELEGANCIA DE ESPIRITO

Vencedoras das provas do concurso aquatico do Boqueirão.

De que serve estar-se bem vestido, se se tem a alma de um maltrapilho ?

Voltamos sempre ao mesmo ponto : não ha elegancia que não tenha sua causa primordial no espirito. Seria capaz de citar-vos tal personagem cujo traje é de talho insignificante e surrado e que, por um certo aspecto, veste-se aos vossos olhos maravilhados e humilha vossa bella linha. Por constraste, estivestes em Deauville este anno ? Nada mais comico que um imbecil, carregado de assignaturas, vestido *chez* Carette e que tem uma linguagem grosseira.

Nossos recentes *parvenus* deviam compenetrar-se deste principio que é preciso passar pela escola antes de se dirigirem ao alfaiate.

Maneiras abjectas, uma linguagem repugnante e acima de tudo a ineffavel falta de cultura espiritual sempre impedirão que a elegancia penetre num grupo de homens. A fortuna não tem relação alguma com a elegancia masculina. Eu as considero, uma e outra, bem mais depressa inimigas que alliadas. E se esta proposição é contestavel no capitulo das mulheres, é que essas, bem mais maleaveis e sempre um pouco fadas assimilam n'um instante os requintes, que o macho não saberia manter senão por herança. Tomai uma franceza joven, e mesmo ainda joven, feia ou não, confiai-lhe muito dinheiro — ha alguns annos, nem mesmo esta condição era exigivel — e em quatro dias ella trará a *toilette* e dirá talvez, asseguro, o que é preciso dizer sobre um lindo chapéo. E' o genio ! E' uma vez ainda, um elemento moral.

Ah ! que coisa singular a elegancia ! Tende-se a crer que a cultura physica, por exemplo, a isso conduz. Olhai á maior parte dos jovens de hoje, largos de espaduas, finos de talhe, com um desembaraço divino nos gestos calmos de seus braços potentes. São bellos incontestavelmente. Um corpo de athleta, é inutil dizer, não faria senão favorecer a elegancia. Mas porque motivo elle não a dá ?

Um corpo cultivado dá a ideia de serenidade e de força como a estatuaria antiga ; dá infallivelmente a ideia do superfluo das vestes ; por isso, a impressão de contrangimento, e nossa elegancia, nós não a possuimos.

Dirão que ella é incompativel com as grandes epocas, a do Apoxyomeno por exemplo, ou da Venus de Milo, e que seja preciso descer a Praxiteles e á graça para achar a qualidade que louvamos ? Não. E aliás, que motivo de erros é esta mania de assimilação do presente com as epocas passadas ! Podemos talvez fazer coisas novas, que diabo ! quanto a mim, eu veria o moderno num Antinous intelligente.

Que a physionomia dos nossos athletas se illumine, que o seu cerebro, cuidado tanto quanto seus musculos, transforme seu rosto ; que seu sorriso, menos divinamente pueril, seja humanamente reflectido, que elles se espiritualizem, numa palavra, sem se offederem, e a roupa do bom alfaiate lhes irá bem.

RÉNÉ BOYLÈSVE

Traje que não é de banho

EXPOSIÇÃO DE QUADROS

Na séde do Centro Pernambucano, á rua Rodrigo Silva, 14, Eustorgio Wanderley inaugurará no dia 19, uma exposição de quadros representando trechos de paysagens de Pernambuco, sua terra natal e onde é professor de desenho na Escola Normal.

Antes da inauguração fará elle uma ligeira palestra sobre a evolução da pintura naquelle Estado do norte, analysando a individualidade e as obras de arte de diversos pintores, desde os irmãos Post, que para ali foram fazendo parte do sequito de Mauricio de Nassau, até nossos dias.

Eustorgio tem o curso de pintura da nossa Escola Nacional de Bellas Artes, onde conquistou o primeiro premio — medalha de ouro — tendo sido discipulo de Amoedo, J. Zeferino e J. Baptista da Costa.

DE OSCAR WILDE

Shopenhauer analysou o pessimismo, mas Hamleto já o havia inventado. O Universo tornou-se triste porque, outr'ora, um boneco andou melancolico ! O Nihilista, esse estranho martyr sem fé que sobe friamente ao cadafalso e morre por qualquer cousa em que não crê, é um puro producto literario. Foi imaginado por Tourgnieff e aperfeiçoado por Dostoiewsk. Robespierre surgiu das paginas de Rousseau tão certamente como o Palacio do Povo se construiu sobre as ruinas de um romance... A Literatura sempre precede a Vida. Não a arremeda, amolda-se a seu exemplo. O seculo dezenove, tal como o conhecemos, é puramente uma invenção de Balzac. Os nossos Luciano de Rubempré, Rastignac e De Marsay estreiaram na Comedia Humana.

No prado da Móoca, em S. Paulo

DE MUITAS BOCCAS...

Vejo o crepusculo descendo. Lentamente. Docemente. Os seres calam a sua voz perturbadora e inutil. Uma tristeza que não dóe abre azas no céo de nuvens alongadas. Do sol, ficou apenas uma suave memoria de côres lividas. E eu penso no teu ser crepuscular, em tua alma onde a vida se reflecte como num espelho indeciso, esbatido. E eu penso no teu vulto de sombra e silencio, acinzentando o meu destino...

Minha Felicidade...

◇

Ha em todas as paizagens qualquer coisa da paizagem bem conhecida e bem amada de nossa terra natal. E ha em todas as almas um reflexo, luminoso ou perdido, de nossa alma. Viajar é procurar-se através de longos e agitados caminhos...

◇

A coisa mais deliciosa que a vida póde offerecer-nos é uma tragedia sem consequencias...

◇

Crer é subir muito alto, e dá vertigens. Negar é descer demais, e causa terror. Prefiramos o balanço commodo e rythmado de uma rêde: a duvida...

◇

Os que desprezam a phantasia não saberão amar a realidade. A realidade é o ultimo reducto da phantasia.

◇

A belleza é triste, não póde deixar de ser triste. Uma linda paizagem commove tanto os nossos olhos que os névôa d'agua.

As estatuas mais exuberantes de vida lembram corpos ankylosados. Não ha volupia tão angustiosa como a da contemplação das bellas mulheres. E digam, depois, que a belleza não é triste...

◇

A belleza dos jardins é que faz a belleza das flôres. Uma rosa á lapella de um frac — haverá coisa menos bella?

◇

Os detestaveis actores que a vida tem...

◇

Felicidade: maneira elegante de ser infeliz á vontade.

◇

O Sr. é duplo, tem certeza de que é duplo? Pois faz mal: hoje em dia, a gente deve ser, pelo menos, triplo...

◇

Eu, ás vezes, tenho o desejo absurdo de me procurar através das coisas, e de me encontrar, e de me fitar com doçura, e de me dizer as palavras que nunca ninguem me soube dizer...

◇

Ver uma paizagem é reflectil-a na alma. E, felizmente, ha paizagens para todas as almas, confusas ou divinas...

◇

— Dá um fim á tua historia!
— Ficaria muito menos bella, meu amigo...

CARLOS DRUMMOND.

A primeira confissão
(*Des. de Luiz*).

No Parque das Diversões da Exposição Internacional

O ESTRANHO CASO DA SINCERIDADE

A literatura tem feito grande mal á Literatura. O simples facto de um homem ter publicado um livro de excellentes poemas, deveria pôl-o ao abrigo dos indiscretos. Mas, infelizmente, succede sempre o contrario. O pobre é assediado por uma alluvião de incivis que desejam saber o que elle pensa de Victor Hugo, de Shakespeare, de Wilde, de Paul Geraldy... Isto desgosta profundamente.

Relaxa, no artista, as faculdades de imaginação e de realização, além de lhe tirar todo o possivel desejo de trabalhar... Os poetas principalmente são dos que mais soffrem por causa desta feia mania contemporanea. Não ha um que ainda não tenha sido importunado pela horrivel pergunta: — O Sr. quando escreve os seus versos, sente-os devéras? E' o caso da sinceridade em arte, cousa tão discutida quanto detestavel... Lembro-me agora do que me disse um amigo:

— Hoje nem é dado mais a um desgraçado poeta contemplar simplesmente, honestamente, uma paisagem qualquer. Outro dia, eu olhava, sem nenhuma intenção malevola de exploral-o, um lindo ocaso numa praia, quando, de subito, uma senhora perfeitamente "genero album de autographos" me perguntou si eu "estava me inspirando"...

A unica expansão que o meu odio achou para ferir a imprudente foi pôr o dedo no nariz afim de que visse que eu estava apenas "tirando do nariz o que um nariz encerra"...

Eu acho que o meu amigo tinha razão.

Pois, por que essa mania de se atormentar o artista a ponto de nem se lhe conceder o uso dos direitos que a Constituição garante até a um futebóler? Então não póde um pobre diabo, por prescripção medica, ir a uma praia tomar o seu banho de mar, sem que logo digam que elle está farejando inspiração?

Mas o que mais me admira é ver que as pessoas que apparentam um grande amor pelas cousas de arte, nada mais são que simples policiadores da sinceridade... Já notaram que a primeira cousa que procuram saber, logo após a leitura de um lindo poema, não é da sua belleza, da sua virtude de suggestão, da sua perfeição, em summa, mas sim si o poeta foi absolutamente sincero quando o realizou? Oh! que feio vicio!

Foi Edgar Poe o primeiro a declarar em publico o que, mais tarde, o genio irlandez demonstrou: que "a arte não exprime mais nada a não ser ella mesma". E' preciso acabar-se com esses interrogatorios...

Que nos importa saber si ao escrever a "Ballada de Reading Goal" o poeta jámais sentiu aquellas fortes emoções que tão bem nos descreve? E' bastante que as sintamos nós! "E' o espectador, e não a Vida, que a Arte reflecte" Sinceridade, em arte, não quer dizer "facto acontecido..." Ao contrario, o artista só é sincero comsigo mesmo quando insincero para o publico... Muito poucas vezes, ou nenhuma, a "acção" entra directamente na composição de um poema. Só lhe é permittido entrar nos dominios da Arte por processos indirectos. Quando, por exemplo, um poeta é ferido na sua mais intima natureza por uma dor qualquer, é claro que esse soffrimento, despertando-lhe com mais intensidade as faculdades de sentir, accrescentará naturalmente uma porção a mais de belleza nos seus versos...

Mesmo porque isso importa até num aperfeiçoamento de technica... Um homem que perdesse um ente querido, um filho, ou cousa semelhante, ou fosse abandonado pela amante, poderia deixar de cantar (e até seria bom não cantar) em seus poemas essa grande dôr que o pungira... Mas quando escrevesse sobre uma paisagem, sobre a lua, sobre a vida, sobre Nero, Cleopatra ou sobre si proprio, toda aquella porção de melancholia que delle se apoderára transbordaria de sua alma para os versos... Quem entra em relações com uma grande dôr, entra em relações com todas as grandes dôres do mundo... Supponde que aquillo acontecesse num poema sobre a decadencia do giló no reinado de Ramsés I, quem ousaria perguntar si "tudo aquillo era sincero?" De resto, o artista sempre faz cousa desinteressante quando tenta copiar a Vida. Para a certeza disto, basta lermos os sonetos honestamente sinceros que os noivos fazem ás suas bellas... São o que ha de mais horrivel. Pastichar um artista, si bem que condemnavel, póde ser, de um certo modo e em certas circumstancias, curioso.

Mas pastichar a Vida, é não sómente doloroso como inutil. Num poeta, uma verdadeira paixão ás vezes desnorteia... E si concedemos aos romancistas todo o amplo dominio da Fantasia, por que exigirmos sempre de um poeta o realismo crú? E' absurdo. Si no proprio romance deveramos cercear esta tendencia, na poesia seria um crime permittil-a.

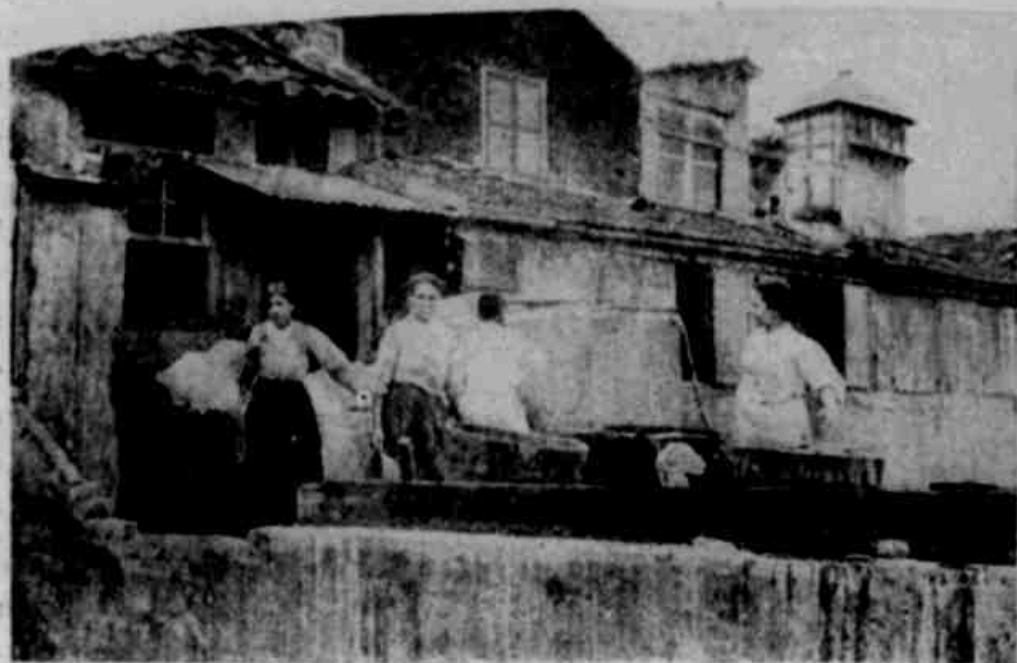
Cessem, pois, esses fervores sinceros. Deixemos aos poetas toda a plenitude da liberdade de que carecem. Mesmo porque, do contrario, não teremos mais poetas. Porque elles se insurgem contra qualquer pretenção de limital-os. Para a Poesia, não haverá nunca leis gordas.

A gordura é tudo quanto ha de mais anti-poetico. Nisto ainda estou com os romanticos...—ON.

NEGOCIO DA CHINA

— Conheço uma creatura, cheia de dinheiro, que está morta pelo senhor.
— Cheia de dinheiro e morta?! Então eu vou herdar?

(Des. de J. Carlos)

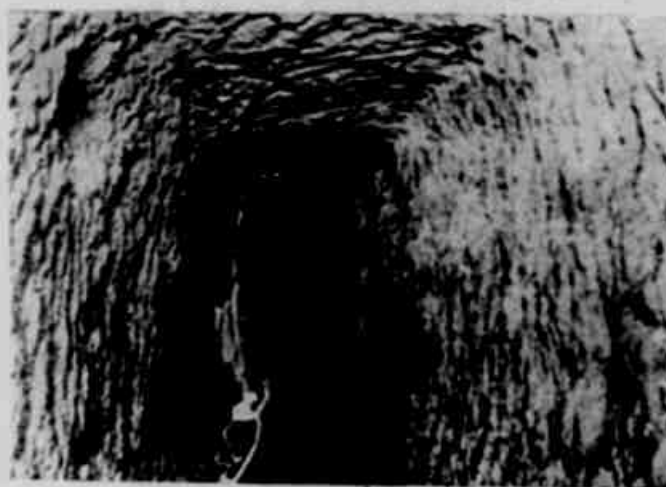
A velhice deve ser como aquelle supplicio dos antigos Persas: uma torre cheia de cinzas, aonde se atira alguem que ainda vive... — AL.

O velho casario do Morro do Castello com as typicas lavadeiras. — As ruinas da antiga porta do forte construido em 1713.

Terra Carioca

A LENDA DA MONTANHA

Aos poucos, varrida pelo jacto violento das bombas hydraulicas, desapparece uma das mais curiosas tradições do Rio de Janeiro: o morro do Castello. O sonho dos inovadores se realisa... A lendaria collina, que protegia a cidade das lufadas das ventanias, transforma-se em lama que se escôa para o fundo do mar. O seculo da electricidade triumphou, a historia e o passado foram calpestados, foram derrotados pela maldade que se esconde com a capa do progresso! Para as gerações do futuro, a nova cidade que se erguerá na planicie não terá o sabor do mysterio, nem despertará recordações...

No morro do Castello vivia-se como numa cidade extranha, longinqua do rumor ensurdecedor, que chegava até os seus mais intimos recantos, como o queixume de uma gigantesca cigarra. Pelas madrugadas frias sem auroras, uma multidão galgava os lagedos das ladeiras; a aristocracia e a plebe, numa promiscuidade curiosa, se irmanavam, levadas pelo mesmo desejo e pelo mesmo sentimento... E o casario velho e alegre como um presepe de Natal, ria com philosophia do formigueiro humano que desapparecia pelas curvas do caminho, em busca da igreja dos Barbadinhos possuidores da faculdade de dar a "felicidade"...

Lá no alto estava plantado o marco da fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e dentro do templo repousavam as cinzas de Estacio, o seu fundador. Um bello dia, foram ambos despejados como miseros inquilinos, e carregados por mãos piedosas

Uma galeria.

através da cidade, entre bandeiras que relembravam tradições e a sumptuosidade de um tempo que já vae longe...

A espectativa e a curiosidade da população voltou-se então para o velho morro, já vazio da miseria e das reliquias. A romaria de curiosos avoluma-se, engrossa e segue com olhos avidos de sensações novas o apparecimento das famosas galerias, onde os apostolos em ouro massiço e diademas de pedrarias caras "dormem" ha longos seculos, acalentados pelas lendas e pela credulidade imaginosa da população...

Em 1759, o ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, conseguiu que D. José I de Portugal, assignasse um decreto, expulsando do reino e possessões os Jesuitas, seguido da confiscação de todos os seus bens.

A immensa fortuna em ouro em pó, as barras, os apostolos famosos e as alfaias da Companhia, na crença do povo, haviam sido transportadas para o Rio de Janeiro e escondidas no coração da collina como logar mais seguro. Os seculos passaram e a lenda foi creando vulto, desenvolvendo emmaranhadas conjecturas, onde apparecem roteiros mysteriosos, orientadores dos esconderijos dos thesouros e das communicações subterraneas entre o morro do Castello e o mosteiro de S. Bento, conventos de Santo Antonio, Santa Thereza e da Ajuda. A crendice não pára por ahi: os grandes cabedaes, amontoados durante seculos, foram pela lenda encharcados de sangue pela consummação de nefandos crimes, dentro das trévas; pyramides de ossos, com aspecto tenebroso se accumulam pelos cantos

Aspecto do Morro do Castello, lado da Avenida; ao fundo, a igreja, já demolida, onde estavam os restos de Estacio de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro.

Galerias nas quaes foram encontradas urnas funebres em 1911.

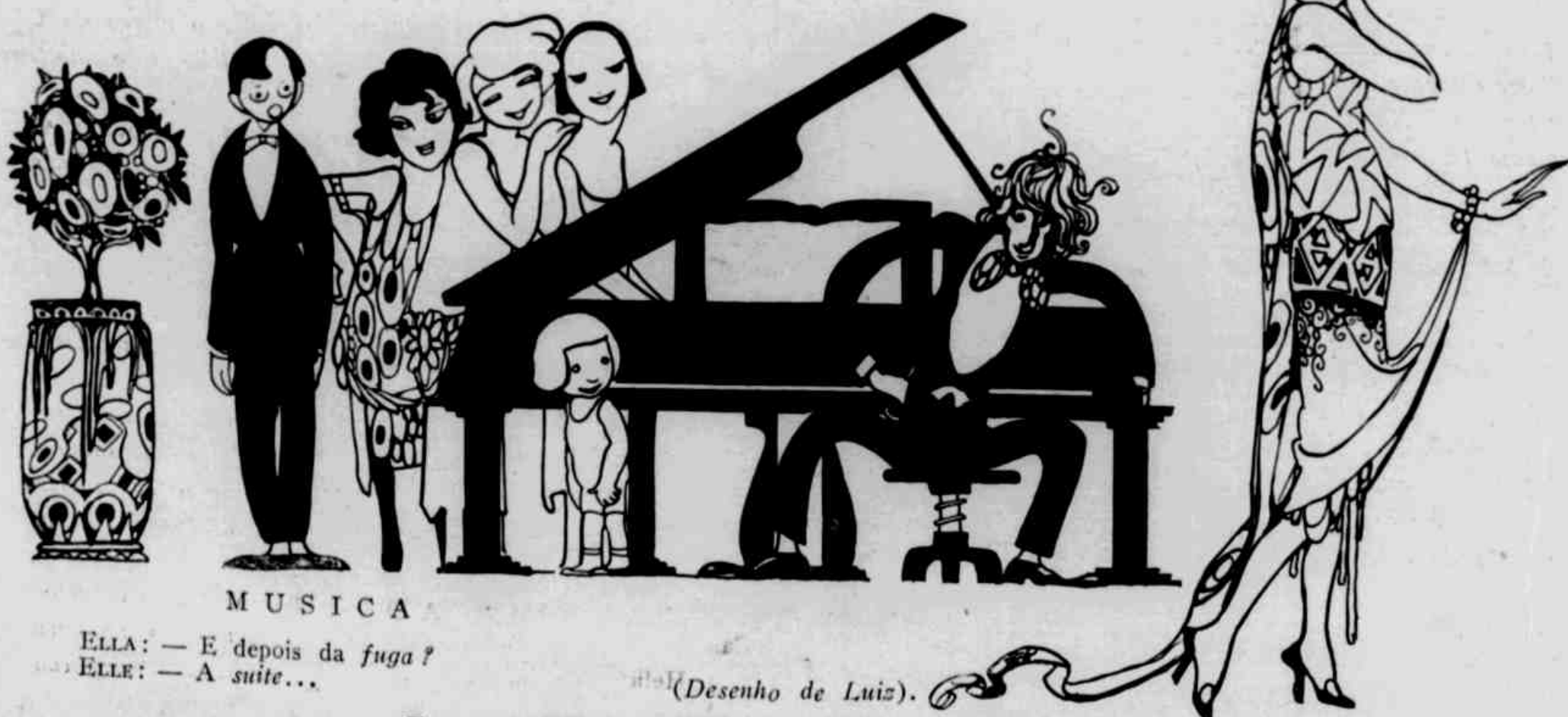
como nos romances a Montepin ou Terrail. Mais de metade da montanha já se acha transportada para o oceano, e as galerias que antigamente appareciam denunciando a existencia de complicados trabalhos de arte, evidenciando uma provavel communicação com um systema de galerias de facil accesso, continuam immersas no mysterio; agora surgem, aqui e ali, sem communicações, fundas cisternas com ramificações lateraes. Nas primeiras investigações, feitas ha alguns annos, foram encontradas ossadas humanas e utensilios de barro, já gastos pelo tempo, ferramentas proprias para cavar, carcomidas pelos annos e pela humidade. Essas descobertas vieram fortalecer a crença do povo.

Em 1911, fizeram-se novos trabalhos de investigação, penosissimos, e foram descobertas galerias com diversas direcções: umas para os lados do cáes Pharoux ou Misericordia, outras para os lados da praia de Santa Luzia. Em uma das galerias foram encontradas urnas funebres, completamente diversas das usadas presentemente.

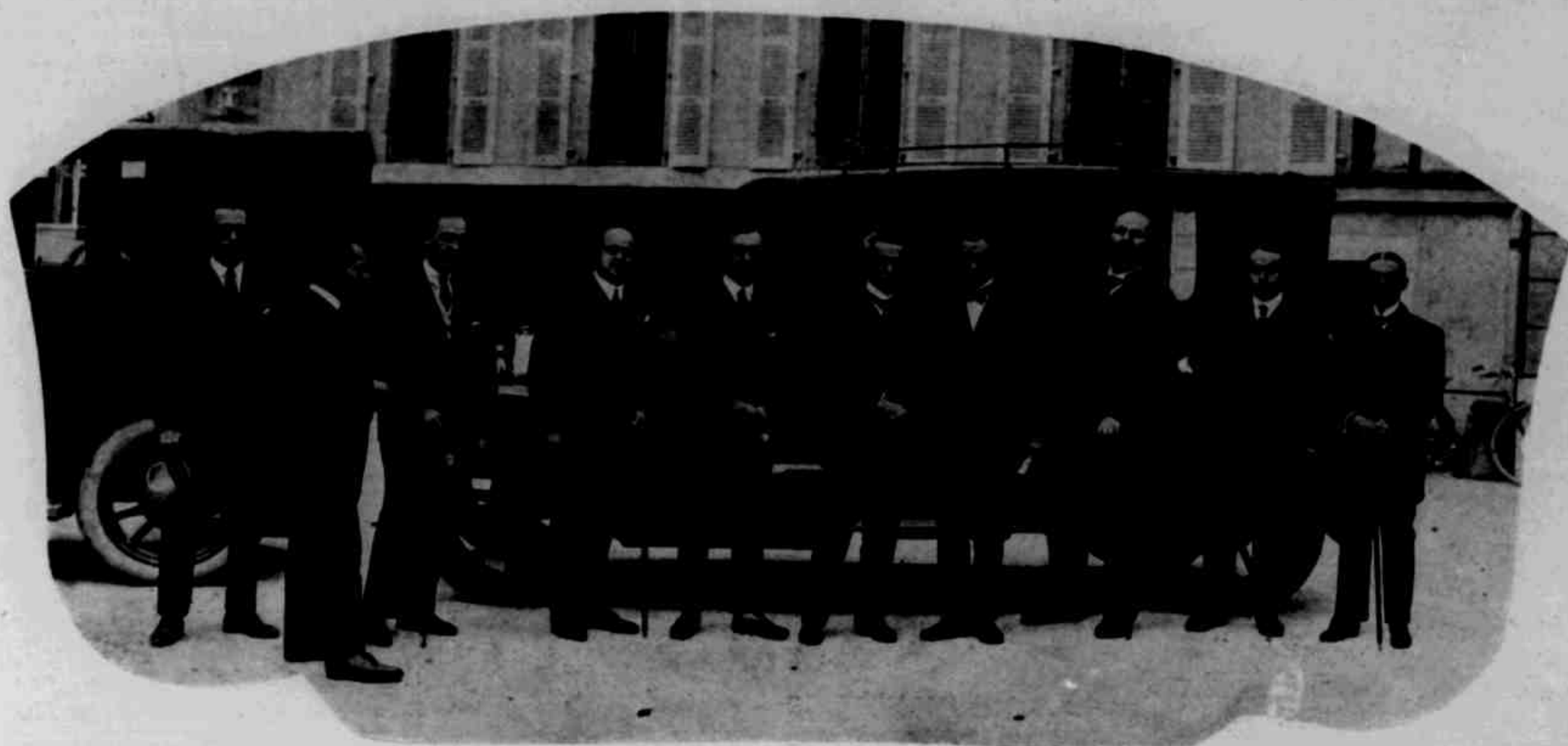
O "Jornal do Commercio", em dias de Dezembro de 1911 (edição da tarde), publicou documentos que se referem á existencia dos famosos thesouros. Eis um dos curiosos documentos firmados por Pedro Franzine, geral da Companhia; é uma carta dirigida a um seu filho adulterino de nome João: "Meu filho João — Por baixo das catacumbas de abobodas está a escada que dá entrada para o primeiro salão subterraneo. No centro estão enterrados onze mil contos em moeda, na profundidade de dez palmos. Nelle encontrarás sahida para o segundo salão e no angulo direito da entrada, ao pé de uma columna, acharás uma mola e, aberta ella, por pressão, acharás uma urna de prata com duzentos e dez mil contos. No terceiro salão, ao nivel do mar, por baixo dos assentos de pedra, estão vinte caixões com tres mil arrobas de ouro em pó, e, no centro doze apostolos, pesando quarenta arrobas cada hum, e Santo Ignacio com duzentas e vinte arrobas, e hum brilhante com vinte e quatro oitavas, e huma corôa da Immaculada Conceição no valor de duzentos e sessenta milhões de cruzados. Teu pai, Pedro Franzine. Janeiro VII de MDCCLVIII". Esses documentos vieram accender a curiosidade da população naquella época, e agora que os trabalhos chegaram precisamente ao ponto indicado pela carta de Franzine, esperemos que se faça luz completa em torno de tão lendario assumpto, para alegria dos incredulos e desapontamento dos que piamente acreditavam nos milhões accummulados e nos apostolos de ouro massiço, assignalados por Franzine...

Cisterna onde se acharam utensilios de barro e ferramentas.

Dezembro de 1922.

ERCOLE CREMONA.

MUSICA

ELLA: — E depois da *fuga?*
ELLE: — A *suite*...

(Desenho de Luiz).

Photographia tomada quando os membros da delegação brasileira á 3ª assembléa da Sociedade das Nações visitaram o Bureau Internacional de Trabalho, em Genebra, na Suissa. Vêem-se nella os Srs. G. E. di Palma-Castiglione, Americo Lobo, Rangel de Castro, Barbosa Carneiro, Regis de Oliveira, Domicio da Gama, Phelan, Raul de Rio Branco, Varlez e Tancredo de Souza.

Na ilha de Paquetá, depois do almoço offerecido por José Marianno (filho) aos pintores Roberto Montenegro, do Mexico, e Enrico Castelo (Chin), da Italia. Em pé, da esquerda: Enrico Castelo, Roberto Montenegro, Luiz Peixoto. Sentados: José Marianno, Di Cavalcanti, Alvaro Moreyra, Pedro Bruno, Helios Seelinger e Olegario Marianno.

Almoço offerecido á poetisa Yaynha Pereira Gomes, no Trianon, em S. Paulo.

MUSICA BRASILEIRA

O professor Luciano Gallet, pondo em execução uma antiga idéa de tornar conhecidos os nossos compositores musicaes, que tão pouco figuram nos programmas dos grandes concertos, frequentemente realisados no Rio, dará hoje, ás 4 horas da tarde, no Salão do Instituto, uma audição de musicas sómente brasileiras.

Para esse primeiro concerto foram colligidos 30 dos nossos compositores, e todos elles figuram com pequenas peças de piano, originaes e interessantes.

Essas peças serão interpretadas por alguns dos alumnos desse professor, e entre os compositores poderemos citar os nomes de: Francisco Braga, Henrique Oswald, A. Nepomuceno, L. Miguez, Glauco Velasquez, Nininha Velloso Guerra, Francisco Valle, Villa-Lobos, Fructuoso Lima, Agnello França, Henrique de Mesquita, Carlos de Mesquita, Barroso Netto, Delgado de Carvalho, Dagmar Chapot Prevost, Ernesto Nazareth e outros.

NATAL

Das festas do Natal, este anno, uma das mais bellas, a que deixará melhores lembranças, vae ser, com certeza, a das Creanças Pobres, organisada pela bondade e pelo bom gosto das senhoras Marina Valladares, Stella Barbosa e Celia Ferrando. Para o scenario da linda reunião foi escolhido o parque do America Hotel. O desenhista Cicero está ultimando as ornamentações, que surgirão deslumbrantes aos olhos dos pequeninos. "Papá Noel" distribuirá brinquedos, "bonbons", roupas e objectos de utilidade a quinhentas creanças.

Enlaces: Lucia da Costa Lobo — Luiz Barbosa Noronha; Alexandrina Macedo — Luiz Vinhaes; Ilda Scarpa — Julio Lobo.

PROCESSO NOVO

Depois que casou, o Peres ainda ficou mais vigarista do que era no tempo de solteiro. Comprava tudo, — não pagava nada ! e a mulher parecia ter sido escolhida a dedo: — era tão boa como elle.

O Pires alfaiate, credor de uma conta que já estava a grisalhar os cabellos, andava furioso, com tantas desculpas, tantas evasivas e tantos promettimentos...

Uma manhã, ao chegar á loja, depois de tomar uma resolução como quem toma uma chicara de café, disse aos seus botões:

— Elle hoje — custe o que custar, — ou paga com dinheiro ou paga com arrependimento !

Tampou de novo a calva e a passos de urgencia largou a palmilhar. Dobrou a esquina, virou o becco, subiu a ladeira até estacar na porta do máo freguez. Bateu. Quem veiu recebel-o foi a caloteira, — isto é — a mulher do caloteiro, que, de carinha lavada lhe declarou que o marido tinha sahido.

— Não está, minha senhora? — Fale francamente.

— Ora essa! não acredita na minha palavra ?

— Acredito, sim. Então foi espairecer um pouco?

— Foi á cata de uma importancia, e se não me engano, para lhe pagar.

— Não falemos nisso. Não ha pressa. Encarou-o duvidosa e perplexa.

— E' exacto, sim, quero cá saber de negocios...

E o Pires, firme na sua idéa, avançou uns passos com ternura no olhar e maciez na voz:

—Que felicidade !

Agora...

Muito admirada, ella recuou, franzindo a testa:

— Felicidade?!

— Sim, felicidade, minha senhora, porque, estando só, posso abrir o que está fechado e mostrar-lhe os estragos que cá por dentro vão...

— Não comprehendo...

— Mas, vae comprehender quando lhe disser que a causadora de tudo é quem me está ouvindo.

—.Eu?!

— Pois quem mais havia de ser? Essa figurinha bem feita, refeita e perfeita me tem levado a um transtorno que não posso mais dar cumprimento á vida. Vou cortar uma calça, sae um casaco; corto um casaco, sae um collete! Isto não póde continuar. Venho lhe supplicar que me dê ao menos um pedacinho de esperança, para não se entortar o que ainda está direito.

E enfiou o corpo um pouco mais p'ra dentro.

O Peres, que estava occulto atráz da cortina, appareceu logo e cresceu fuzilante para o alfaiate, que, com riso ironico, deu um passo atráz, metteu a mão no bolso e de lá saccou, — não o revólver, mas a conta, — que lhe pôz de sentinella á vista:

— Meu amiguinho, eu bem sabia que estava ahi e foi o que se pôde arranjar ás pressas para lhe vêr a cara. Sua esposa é tentadora mas o corpo não me tóca a rebate para aventuras, além de que, estou sortido da mercadoria, — tenho uma e é o bastante. Vim pela ultima vez e daqui não arrédo pé, sem levar o que está farto de saber o que é. Quem não póde não inventa modas nem se vae metter em dansas, si não quer pizar os calos. Vamos, sem perda de tempo, passe para cá o que me deve e de biquinho calado, sinão desaba ahi a vizinhança curiosa para apreciar como afina bem o cadaver quando está a dar serenata ao vivo.

O pilhado, vendo que a resolução era inabalavel, baixou a cabeça e metteu a mão no bolso...

E foi assim que o Peres liquidou a conta com o Pires...

JOTA SÓ

DUM LOTE DE SALDOS

HISTORIA COM MORAL

Baby, uma garota loira, de olhos verdes de avenca a florirem no barro róseo do rosto, estendeu-me os deditos frageis de boneca, onde o verniz das unhas ponteagudas brilhava.

A tarde era de sol vivo, alacre, pondo no sangue uma vertigem tonta. Baby apresentou-me uma amiguinha que lhe fazia companhia e tinha uns olhos de graça nipponica, uma boquinha em losango e um ar curioso... Chamava-se Iraci, nome que põe nos labios, ao proferil-o, um aroma de fruto silvestre.

Iraci sorriu com os olhos um sorriso meudo e durante um minuto, a mãozita della abriu ao calor da minha mão a corola ephemera dum cumprimento.

Eram duas bonecas. Baby, á medida que ia crescendo em annos, crescia em graças, mais boneca se tornava, no esmalte vivo das suas frivolidades.

...assim...

Tinha-a conhecido menina, a pôr sempre nos seus gestos uma gravidade precoce de mulher.

Sem ninguem dar por isso, de menina passou a moça, como quem pula, no brinquedo da corda dos annos...

Aquella gravidade precoce de mulher, aquelle fazer-se grande que ella tão bem imitava em menina, desappareceram ao imaginar-se crescida, no seu tailleur azul que lhe tornava o corpo andrógino e fino. Agora realisava o typo perfeito de boneca. Falava como se nós lhe calcassemos nalguma invisivel mola, com a graça artificial das bonecas que dizem — mamãe...

Os olhos verdes riam um riso de planta ao sol de primavera, uns olhos ingenuos e simples que não diziam bem com o escandalo dos labios pintadissimos, um cartaz gritante de volupia... Iraci era morena. Um vermelho humido e quente tingia-lhe a bocca, onde parecia redopiar o zumbido dum beijo morno. Os olhos vivos, inquietos, num bailado continuo de palpebras... tinha um corpo a exhalar um perfume acre de virgindade provocante, um corpo cigano atravessando a nossa imaginação com nomadismo de rythmos, os olhos alagados de sombra e fazia lembrar certos desenhos dos contistas orientaes. Parecia que dos póros vinha um perfume de tentação, um cheiro de pômo ao dourar leve do sol, pondonos humidos os labios... Baby deu pelo minuto de demora, o minuto preciso que os meus olhos gastaram na contemplação lisongeira de Iraci. Estendeu-me os deditos

...é...

Na festa da 1ª Communhão dos alumnos da Pequena Cruzada.

frageis e rabiscou com os labios umas palavras futeis...

— Adeusinho...

— Adeusinho, Baby...

Iraci despediu-se de mim e disse-me:

— Se não gosta de conversar, venha dansar commigo logo á noite, no parque das diversões...

Metti-me de novo no zig-zag da Avenida. Ainda conservei um segundo nos olhos, as silhuetas de Baby e Iraci. Mas outras silhuetas surgiram no carroussel *movimentado das cinco horas.*

Ah! se apparecesse por ahi um novo doutor Voronoff, que fizesse o milagre de enxertar alma nas bonecas da nossa fantasia!

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA.

Teams do Botafogo (Rio) e do Britannia (Paraná) que empataram, domingo: 1 a 1.

Comedias e Comediantes

AS NOSSAS ENTREVISTAS "*As janellas fizeram-se para estabelecer correntes de ar e as entrevistas para dar curso ás idéas". Taes foram as palavras memoraveis de um troglodyta eminente, quando foi entrevistado ácerca do seu projecto para a construcção do primeiro theatro subterraneo. (O Rialto, da Avenida, veiu e muito depois, como sabem). Naquelle tempo ainda os norte americanos não tinham inventado os arranha-céos, pela simples razão de que ainda ninguem se havia dado ao trabalho de os descobrir. Partindo, pois, daquelle principio estabelecido pelo abalisado habitante das cavernas, fomos á cata do homem, cujas idéas merecessem ser divulgadas e demos logo de cara com o fecundissimo Gastão Tojeiro. Depois de alguns circumloquios, acabou por expôr, sob uma fórma symbolica, muito sua, o que é a cabeça de um autor.*

— "O cerebro de um comediographo é, como direi?, uma nora. No fundo, a lympha preciosa — as idéas — na qual mergulham os alcatruzes — "bossas da selecção e fabulação" — cujo calabrote — "o espirito" — é movido pela marcha do mento — "a vontade". O burro anda, os alcatruzes vazios mergulham, os cheios sobem e precipitam o seu conteudo na calha — "a arte de dialogar". Depois é só passar ao papel, a peça está feita. Quanto mais fundo fôr o poço, mais lympha, isto é, mais idéas. Eu, terminou modesto como o seu Philomeno, sou um poço sem fundo".

◇ *Dialogo á porta do Rialto.*

— Então, a Natalina já não faz parte da companhia?

— Não gosta de ser "abafada"... o João Silva já estava contractado.

◇ *O "Conselheiro XX" (leia-se 20 e não chiz-chiz) pseudonymo do brilhante academico Humberto de Campos, começou a soffrer tratos de polé dos revisteiros, pelas columnas dos jornaes, depois vae padecer os supplicios inquisitoriaes das representações...*

Estamos daqui a apreciar o atticismo da parceria na dicção impeccavel do João Martins...

◇ *O Aldirio Ferreira, depois que fez o hespanhol-hercules nas "Surprezas da Exposição" anda radiante e sempre de peito estofado. Accresce que os paletots almofadinhas que usa contribuem para lhe exaggerar as proporções do thorax. Um destes dias estava sentado á mesa de uma sorveteria e uma creancinha de collo que estava ao dito da mamã começou a choramingar e a querer lançar-se para o joven actor. A mamã, para socegar a creança, foi obrigada a dizer:*

— Não chores bemzinho... não vês que é um homem?...

Uma que não volta mais: Helena Cavalier.

Pepa Ruiz, ha muitos annos...

Guilherme d'Aguiar

◇ *Recebemos um opusculo, assignado João de Talma, intitulado: "Rebatendo a calumnia" e com o sub-titulo: "Por que fui preso no largo do Rocio". Agradecemos.*

◇ *Depois que se divulgou a noticia dos premios concedidos pela Municipalidade de S. Paulo para tres comedias, os autores condicionaes da S. B. A. T. (Sáe Bestialogico Aproposito de Tudo), começaram a localisar a acção de suas peças em S. Paulo e a modificar algumas phrases por causa do ambiente. Não vae aqui allusão a certo emprezario que, quando o secretario lhe disse que á companhia faltava ambiente, ordenou que o comprasse. Nada disso, o ambiente é do decreto. Assim pois, os condicionaes estão caracterisando os seus trabalhos, tanto quanto possivel.*

◇ *Lá vae o Christiano ter mais uma folga, porque a outra foi-lhe dada pelo visinho, que, querendo encher o theatro de autores, á falta de publico, prometteu abrir as portas aos novos.*

◇ *— Dizem que o n. 13 dá urucubaca.*

— Dizem, mas a Batalha da Chimera escolheu essa data para debute, só para quebrar o enguiço.

— Eu sou supersticioso...

— Esteja tranquillo, a urucubaca já bateu num delles.

— Já? Em qual?

— No que deu o "cobre".

◇ *O Viriato á porta do Trianon, declamando:*

— Quo vadis, publico?

O Viggiani, entre dentes:

— Non parlare latim, porta jettatura... io credo tu l'hai e de quella "miudinha".

◇ *Por que será que o Alvarenga da Fonseca chama: "melões theatraes", ao Aarão Reis e ao Orlantino Loredo?*

Nenhum delles é careca.

◇ *Ahi para o Estado de S. Paulo, uma noite, deu-se um principio de incendio num theatro, por causa do bombardeio com que terminava certo dramalhão. Houve panico. O emprezario do "mambembe", com medo de perder a freguezia, no dia seguinte tranquillisou o publico com o seguinte aviso, nos programmas:*

"Avisa-se o respeitavel publico que, d'ora avante, para evitar accidentes desagradaveis, o bombardeio será feito com "arma branca".

◇ *Merece todos os elogios a iniciativa da Empreza Paschoal Segreto, que acaba de pintar por dentro e por fóra o theatro popular. "Lá vae bala!", a peça de Rego Barros, agora em scena no S. José, é um "tiro" definitivo nos velhos processos de fazer revista e um compendio de arte aberto aos olhos do publico, que enche todas as noites aquella elegante "bôite" do Rocio.*

ZE', FISCAL.

O VERÃO CHEGOU... AS PRAIAS AUGMENTAM DE POPULAÇÃO...

INSTANTANEOS APANHADOS, DOMINGO, MANHÃ CEDO EM COPACABANA.

Eram conversas de frivolidade
naquella casa longe da cidade...

E conversava-se na intimidade
sobre modas, cinemas e adulterios
escandalosos na alta sociedade...

Na sala havia alguns rapazes serios
que commentavam com vigor e "chance"
algumas obras de Anatole France...

Meninas do "Sion" de olhar profano
recitando Olegario Mariano...
E outras dizendo de qualquer maneira
poesias de Alberto de Oliveira.

Trocadilhos, finuras de Sherlocks,
paradoxos, berliques e berloques.

O "abat-jour" era louro e punha em tudo
resonancias de tactos em velludo.

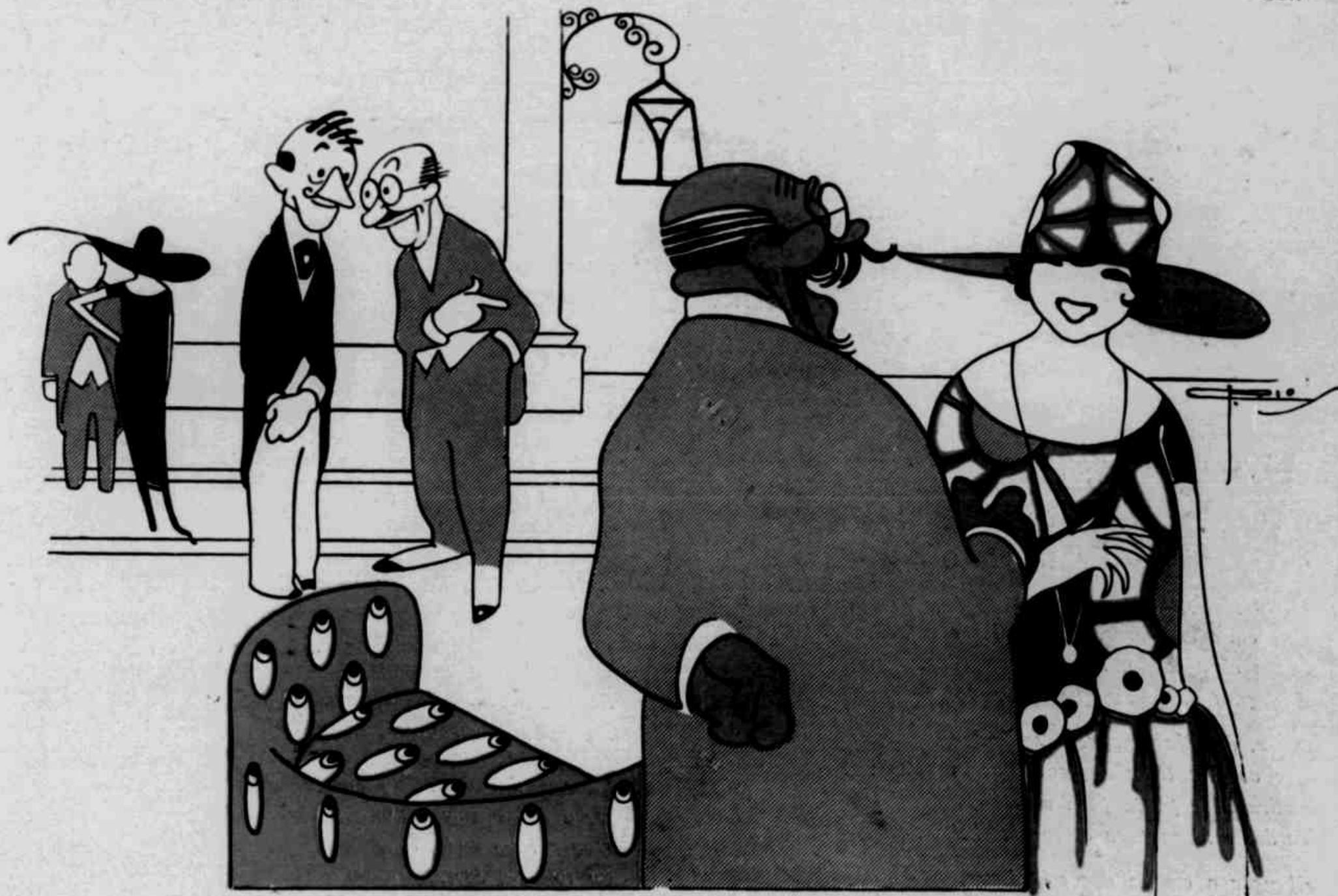
— "Crêpe romain". Ultima moda... Viste?
Don José Casemiro apaixonado...
Meu canarinho belga, quer alpiste?

Roberto Gomes como está mudado!
Está ficando espiritualisado...

(A tarde está ficando muito triste...)
Os beijos nos teus labios eu desfolho-os...
Dr. Carlinhos já subiu a serra...
Trocadilhos? Não! "Flirt..." Ah! troca d'olhos..
Hontem vi a Maria Malafaio.
Ella trazia um não sei que no pé
que recordava um verso de Musset...
(O sol parece Du Barry de saia...)
E' verdade! Disseram-me hoje que...
Bôa tarde! Como vae? Bem, e Você?

(Pessoas que chegavam da cidade
traziam sempre alguma novidade...)

E no meio de toda aquella gente
que ia vivendo perdulariamente,
perfidamente, displicentemente
dizendo mal de todos os mortaes,
meus olhos eram tristes e serenos...
Eu era o moço que falava menos
mas era o moço que sabia mais.

ON.

A FEIRA DE PERNAS

— Por que não vieram as meninas?
— Muito fatigadas. Passaram toda a manhã no Ba-ta-clan.
— Ba-ta-clan? !
— Sim, no banho de mar.

(Desenho de J. Carlos.)

Pequenos Poemas

DO NOSSO ROMANCE

Sabes? hoje eu tive uma idéa. Has de achal-a
com um pouco de egoismo da minha parte...
Mas... é bem simples: venho convidar-te
para darmos um passeio no arrabalde.
Olhe, como está lindo o céo de opala,
e como a tarde assim, parece côr de jalde!...
Vamos!... Põe o teu chapéo de palha,
para que o sól não te caustique tanto o rosto!...
Vem!... Dá cá o braço... Vamos!...
Quanta alegria sob o sól!... Tudo gargalha!...
Vamos!... para que todo o mundo veja
quanto gosto
nós temos, meu amor,
e como nós nos amamos
Vamos!...

Ah! quanta gente não ha de ter inveja
de nós, quando passarmos, braço dado,
eu — orgulhoso de ter-te pelo braço,
tu — sorrindo, alegre, ao meu lado?!...
E, certo, havemos de ouvir, a cada passo,
palavras de louvor :
"Que lindo par de namorados!" "Quanta graça
ella tem!..." "...E a sua elegancia!..."
E outros dirão: "Como elles são felizes!"
E nós vamos passando... Alguem passa...
Elles ficarão e nós viemos a distancia,
sorrindo, alegres, pela rua... Que dizes?...
Sim?!... Oh! Como eu gosto de ti! Como és gentil!...
Depois.... quanta coisa linda! Novos ares;
e a aristocracia dos jardins particulares!
Todo o encanto da Cidade!...
Villinos!... Palacetes!... e no céo de anil
nenhuma nuvem... Que felicidade!...

PLINIO MELLO

☆ ☆ ☆

CANÇÃO

Passa glorificando a tua dôr,
Que em vão procuras desvendar e espreitas...
Passa abençoando, como o semeador,
A doçura da messe que aproveitas.

Canta, de olhar alegre e sonhador,
Que ao fim terás a gloria que suspeitas:
Madrugadas pagãs para o amor,
Tardes serenas para as tuas colheitas.

Abençôa a canção dos ceifadores,
Que andam cantando com entono e alarde...
Bemdiz a queixa e a dôr por onde fôres...

Não mostres nunca uma expressão doente.
— A alegria se apaga pela tarde
E volta de manhã com o sól nascente.

ANTERO MARQUES

MENTIRA

Na minha infancia, quando alguem dizia
Que os eleitos que soffrem gosarão
Num perfeito paiz, todo harmonia,
Paraizos de gloria e de perdão.

Eu sempre acreditava... Não sabia
O que era, precisamente, a perfeição.
Acreditava... E, ingenuo, construia
Cidades de oiro na imaginação.

Hoje, desencantado, me contento,
Comparsa na farandula da vida,
Num giro calmo para o soffrimento,

Vendo a linda mentira commovida,
Que é o mesmo grão de desencantamento.
Na tristeza dos outros reflectida.

ELY COSTA

☆ ☆ ☆

CHANSON DU SILENCE

(pour bercer l'ame de l'admirable Rodenbach)

Le silence est blanc comme un cigne
Que l'eau berce à l'ombre des bois...
Le silence est doux comme un signe
De croix...

Ce sont de calmes barcaroles...
L'ame les chante en pleurs!
O le silence, les paroles
Que diraient les fleurs...

Je vois des ailes de colombes
Silencieuses dans les cieux...
Le silence bénit les tombes
Et fleurit dans tes yeux.

O fol essor des hirondelles
Qui s'en vont en mourant...
Soupirs d'amour, battements d'ailes
Au soleil couchant !

Ce sont des choses du silence
Dans l'azur moiré d'or...
Une sereine main balance
Le ciel qui dort.

Au clair-de-lune pale, insigne,
Pleure immobile au fond du bois
Le silence, doux comme un signe
De croix.

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

A PROPOSITO DE UM LIVRO

O insigne traductor de Edmond Rostand, o illustre professor Dr. Carlos Porto Carreiro, dirigiu á Exma. Sra. D. Aurea Pires da Gama a seguinte carta:

"Exma. Sra. D. Aurea Pires da Gama — Saúdo, respeitosamente, a V. Ex. Li. com muito gosto, o seu ultimo livro "Entre o mar e a floresta" e posso assegurar a V. Ex. que, ha muito, não leio coisa que tanto me deliciasse. Achei

Muriel Martin, pequena actriz ba-ta-clanesca do paiz dos dollors.

todas as poesias bem sentidas, inspiradas, sonoras e com um sabor proprio inconfundivel. A poetisa do livro actual não desmente, antes confirma, a artista que, ha muito, estou habituado a ver em V. Ex. Além disso, o livro de V. Ex. me fez um extraordinario bem, é um livro honesto e sincero, o que é tão raro hoje: a época é da literatura de espalhafato e de condescendencia criminosa com o gosto depravado de certo publico.

Póde avaliar quanto me repousou a leitura de seus versos de toda essa bagagem, que é, entre nós, todos os dias editada, com deslustre para as letras e desar para os costumes.

Queira V. Ex. acceitar os meus francos parabens pelo novo triumpho em boa hora alcançado com o seu recente livro, e Deus lhe dê sempre o mesmo estro para proseguiu no glorioso caminho que vae trilhando. Creia-me sempre seu muito admirador e menor creado. — Carlos Porto Carreiro."

Spinelly, estrella de Paris e das praias elegantes...

Mary Eaton, dansarina americana, que tambem sabe despir-se deliciosamente...

MAY HANNA, NANETTE KUSSE E JUNE HORTON, EM TRAJES DE BANHO, DESENHADOS POR ETHEL CHAFFIN, NO FILM "THE IMPOSSIBLE MRS. BELLEW".

Cinema Para todos...

Chronica

O meio cinematographico

VARIAS vezes nos temos daqui referido ao nosso meio cinematographico que mercê de certas figuras que nelle vivem não gosa de prestigio algum e por isso mesmo raro consegue obter dos poderes competentes alguma das suas muitas aspirações.

Não conhecemos classe mais desunida do que esta que vive entre nós do cinema.

Tambem a falta de escrupulos, de lealdade, de algumas de suas mais conspicuas figuras para alguma cousa havia de servir.

E tem servido.

Para a sua desmoralisação, porém.

Contractos feitos, realizados e acabados com todas as formalidades legaes; compromissos assumidos que entre gente de bem não carecem de palavra escripta, tudo isso no meio cinematographico nenhum valor tem, anda ao sabor do interesse do momento, da conveniencia de occasião.

A concorrencia se estabelece de modo o mais desleal. Não se respeita a ethica mercantil que existe mesmo entre os que praticam os mais humildes ramos do commercio estabelecido.

Todo pretexto é bom para a burla, desde que esta traga uma vantagem por minima que seja.

Quem arrisca seus capitaes contando, com a boa fé de novato no meio, que sejam respeitadas as obrigações assumidas, pode de uma hora para outra ou ter de fechar suas portas á mingua de producções ou de aggravar suas despezas pela imposição brutal de exigencias novas.

E tudo isso se faz, tudo isso se pratica em desprestigio desse meio cinematographico que por isso mesmo não se renova, tanto repugnam esses processos aos elementos extranhos, muitas vezes tentados a empregar sua actividade e seus capitaes nesse ramo de commercio e outras tantas desanimados de mergulhar nessa vasa de pequeninas miserias que é o caracteristico do nosso meio cinematographico.

D'ahi mesmo a deficiencia dos recursos, a exiguidade dos capitaes, a falta de boas casas de espectaculo cinematographico entre nós.

Não se diga que somos injustos ou exagerados.

Cada dia que passa novos factos surgem a justificar a aspereza de considerações que sobre esse assumpto temos feito.

Ainda agora sabemos andar pelo fôro uma questão entre os proprietarios do Cine-Theatro Republica, excellente casa de espectaculos em S. Paulo, e a Agencia da Fox no Brasil para compellir esta ao cumprimento de termos de contrato feito, acabado, legalisado, revestido de todas as formalidades juridicas, cujas disposições nenhum capricho estolido póde invalidar.

Para que se capacitem os nossos leitores de como se faz entre nós a concorrencia nesse malfadado meio cinematographico bastam as seguintes considerações.

Todos sabem e muita vez nos temos destas paginas referido ao assumpto, que os productores americanos por isso que verificaram que após o armisticio teriam de soffrer fatalmente a concurrencia européa trataram de em defeza propria e dos interesses de suas emprezas constituir uma grande associação de classe para a propaganda e melhoria dos films dotando-os de qualidades que os fizessem resistir victoriosamente á luta, não só no mercado interno, mas ainda nos differentes mercados consumidores do universo.

Foram, para confiar-lhe a presidencia dessa Associação, arrancar de um posto do governo a Will Hays, constituindo-o dictador, *armando-o de poderes amplos, discrecionarios para gerir como entendesse a grande industria.*

Dessa associação fazem parte todas as grandes emprezas productoras norte-americanas. Algumas, como o First Nacional, arredias nos primeiros tempos, já se lhe uniram tambem.

Liga de defeza e solidariedade, a concurrencia entre marcas nos Estados Unidos, mercê da supervisão orientada e firme de Will Hays se faz com lealdade dissipadas as rusgas e prevenções, cuidando cada qual de vencer pelas boas qualidades de suas producções.

E' uma questão de patriotismo tambem esta, está se vendo bem. A' grande republica do hemispherio norte convém manter a supremacia do film norte-americano em todos os mercados.

Dahi apagarem-se os pequenos resentimentos gerados pela concurrencia, extinguirem-se os dissidios, formando a industria cinematographica uma especie de união sagrada para a defeza commum.

Pois bem, essa orientação superior, que deve ser a mesma em todos os mercados, aqui entre nós falha lamentavelmente.

Nesse contracto da Fox, por exemplo, com o Cine-Theatro Republica uma clausula ha nova, que prohibe ao exhibidor que passa as producções daquella marca, de fazer o mesmo com as producções de outra marca americana — a Paramount.

Estará agindo a Agencia da Fox no Brasil de accôrdo com as instrucções de Nova York?

Quasi podemos jurar que não.

Iniciativa propria?

Certamente. Já em tempos analysámos a desastrada administração dessa marca no Brasil, que por isso mesmo tem perdido o prestigio de que outr'óra gosava.

Serve isso para demonstrar como são justos os reparos, as criticas que por vezes temos feito a esse meio ingrato em que as intrigas dominam, as perfidias abundam, as deslealdades imperam, tornando-o pouco propicio a gente que se preza de possuir habitos hygienicos.

Até quando?

OPERADOR.

✣ ✣ ✣

A NOSSA CAPA

Harold Lloyd é um dos comicos mais apreciados hoje, no cinema. Suas comedias agradam em cheio, tornando-se magnifica fonte de renda para os exhibidores. Já se tem discutido mesmo se a sua popularidade supera a de Chaplin.

✣ ✣ ✣

No proximo numero: BETTY COMPSON.

CODIGO DO OPTIMISMO

(POR DOUGLAS FAIRBANKS)

Pedem-me que escreva alguma cousa sobre o meu conceito da vida e, entretanto, nem dizer posso si até hoje formei sobre ella algum conceito. Ouvi de uma feita dizer a um pastor: "Para que viemos nós ao mundo? Para pagar o primeiro peccado de nossos paes". Esse conceito nem ao menos conseguiu fazer-me pensativo, porque se pagamos esse peccado só com vir ao mundo, não é tão dura essa pena. Viver não póde ser um castigo. Viver é uma felicidade, mesmo levando em conta as difficuldades que a vida sóe apresentar-nos, por isso que cada difficuldade significa um esforço para vencel-a e cada difficuldade vencida um prazer. Tenho horror aos pessimistas, esses senhores que para tudo têm uma lagrima e uma careta. São individuos que têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem, paladar e não... gostam. Dizem: "Junto do amor anda a dôr". De facto. E' a pura verdade. Mas para que não dizer tambem que a poesia do amor é a dôr justamente! Um vale bem a outra. O pessimista avista dôr e não adianta um passo. O optimista vence-a e gosa o prazer de uma victoria. O pessimista affirma que nós os homens que rimos não percebemos a realidade da vida, encarando-a sob um prisma roseo. Não é exacto. A vida é uma serie de difficuldades; o homem, porém, tem armas para derrubal-as. E mesmo que isso não succedesse, entre viver eternamente a protestar, buscando augmentar os proprios soffrimentos e consumindo diariamente kilos de bicarbonato (quasi todos os pessimistas padecem do estomago) e rir, rir deante de tudo, vencendo por meio do sorriso como se fosse uma arma, creio bem que as vantagens estão do nosso lado. Dirá alguem: "Ora! Douglas si se exprime assim é porque passa bem. Ganha dinheiro e vive feliz com a mulher que ama. Assim todo o mundo póde rir!" Mas eu responderei: "Perdoem-me, meus senhores! E' facto que ganho dinheiro, casei-me com a mulher que amo, mas... não nasci hontem e nem meus paes me deixaram nenhuma fortuna. Para obter a posição que hoje occupo tive que lutar e lutar muito. Dias houve em que o estomago, que não conhece raciocinios mais ou menos philosophicos, protestava dizendo: "Olá! Então? Esqueceu-se de que não comemos nada hoje?" Mas meu pessimista, que me teria acontecido se logo no começo de minha vida de difficuldades, eu começasse a proclamar bem alto que a vida era uma choldra, que não valia a pena viver e coisas e loisas, que me haveria acontecido? Nada, nada, prefiro ser um optimista. Sempre o fui e especialmente nos momentos mais difficeis da vida, e é a isso que attribuo minha sorte. O publico que me acompanha atravez dos meus papeis no cinema, sent-se attrahido por esse optimismo, porque toda a minha preoccupação no film é mostrar o lado bom da vida, que vale á pena viver e que o homem mais intelligente não é o que foge ás difficuldades da vida, senão aquelle que as enfrenta, chegando a augmental-as só pelo prazer de as vencer, de triumphar dellas. E isso é para mim um Evangelho... porque sou um convencido de que todos pódem assim encarar a vida. Acompanhe-me quem quizer! Acceito discipulos. Acceito-os, como eu a encaro visto que como nós é que fazemos a vida, ella é o que nós queremos que ella seja; é um campo de cultura em que só se colhe o que se semeia. Para triumphar é mistér sorrir, sorrir sempre, mesmo diante dos maiores perigos. O sorriso é um escudo que nos protege assim como uma arma com que atacamos. E quando os homens, felizes no meio dos seus negocios, cansados por suas paixões, comprehenderem o que aqui escrevo, a humanidade será melhor e todos comprehenderão que a vida não póde nos ter sido dada como um castigo. Christo mesmo, na cruz, quando viu approximar-se a morte exclamou: "Deus meu! Por que me abandonaste!" E isso fez o filho de Deus. Vivamos pois integramente com toda a expansão de nossa alma porque ha muitas coisas boas neste mundo. Quem vos diz é um homem que nunca deixou de sorrir para a vida... :: :: :: ::

1) *Jeannie Mac Pherson.* — 2) *Kathleen O'Connor.* — 3) *Ann Forrest.*

BIOGRAPHIA DE BETTY COMPSON

O CINEMA E A MODA — *Priscilla Dean.*

Betty Compson appareceu pela primeira vez em publico tocando violino. Betty nasceu em Salt Lake City, Utah, ahi passando a sua meninice até ter estudado e debutado no palco. A familia de Betty era muito pobre e para ajudar a mãe, Betty tocava violino nos theatros da cidade depois das horas de estudo. Ora, aconteceu que um dia, por uma razão qualquer, um dos actores não appareceu e o gerente do theatro rogou, pediu por favor que Betty subisse ao palco e entretesse o publico tocando um solo qualquer em seu violino.

Betty não dispunha de vestidos bonitos, como naturalmente era seu desejo e tão pouco podia vestir para essa occasião um vestido elegante. Decidiu pois vir ao palco vestida de cigana e tocar uma musica a proposito. Com tal arte desempenhou o seu papel, que a platéa em peso a applaudiu fervorosamente. Esta mera casualidade lhe abriu as portas do seu grande successo. Contente com o exito alcançado, iniciou uma *tournée* de vaudeville, tocando violino.

Porém a sua belleza e a sua vivacidade communicante captivaram para logo a attenção dos productores de fitas cinematographicas. E assim ella não levou muito tempo em apparecer nas comedias Christie. A poder de trabalho e assiduidade, foi subindo sempre. Ella foi de successo em successo. Ganhou fama nacional quando desempenhou o papel de "Rose" em *The Miracle Man*, da Paramount Artcraft. O seu successo foi tal que todo mundo lhe fazia propostas para ella se tornar estrella. Foi então que organisou a sua propria companhia. Sendo tarefa muito pesada para os seus hombros frageis, voltou de novo para a Paramount, sendo hoje uma de suas mais flugurantes mount, sendo hoje uma de suas mais fulgurantes estrellas.

Entre as suas innumeras producções Paramount, se notam: *The Miracle Man, At the End of the World, The Law and the Woman, The Little Minister*, uma adaptação do famoso drama de Barrie, *The Green Temptation, The Bonded Woman* e *To Have and to Hold.*

Betty e sua mãe são ainda muito amigas, as mesmas amigas dos dias de soffrimento com o violino e De tal fórma vivem felizes, que Betty nem siquer pensa em escolher um marido. E sempre que lhe perguntam por que não escolhe um, ella responde: "Eu ainda tenho muito tempo".

Betty Compson é esbelta, os cabellos castanhos e de grandes olhos azues. Ella tem verdadeira paixão pelo seu trabalho e ama a musica, a dansa e todos os *sports.*

☆ ☆ ☆

O capital empregado em emprezas cinematographicas na Allemanha é, actualmente, em acções, de 505.954.000 de marcos.

O CINEMA E A MODA — *Bebe Daniels.*

Risada Reveladora

(OVER THE BORDER)

Film Paramount — Producção de 1922

DISTRIBUIÇÃO

Personagem	Interprete
Jen Galbraith	BETTY COMPSON
Sargento Tom Flaherty	TOM MOORE
Pedro Galbraith	J. F. MC.DONALD
Val Galbraith	CASSON FERGUSON
Anow Devil	Sidney d'Albrook
Caporal Byng	L. C. Schumway
Pretty Pierre	Jéan de Briae
Inspector Julio	Edward J. Brady
Borden	Joseph Ray

Passarinhando de improviso, o cavallo refugou uma mancha de sombra, no atalho batido do sol. E Jen Galbraith achou o facto symbolico, porque o seu coração continuamente se aterrorisava das sombras, egualmente. Não obstante onde sombra havia, havia substancia. Tom não a podia amar — do modo que ella entendia o amor — uma vez que fugia á disparada de um encontro com ella, só pelo temor de complicações com seus superiores.

Uma lufada quente de desprezo, converteu em chammas a tenue scentelha da offensa que ella trazia no coração. Quem sabe? Talvez Peter e Val tivessem razão em aconselhal-a a renunciar a Tom. Nem

Quem lhe poderia vaticinar esse acontecimento

elle era do seu mundo, nem ella do delle. Depois, aquella gravura que elle lhe mostrára, de uma rapariga bonita, com um vestido tão audacioso que a fizera corar, as historias que elle lhe contára de edificios altos como montes de gatos electricos que andavam pelo céo a apagar as estrellas...

— Eu não poderia viver num logar onde uma mulher se vestisse de modo a não se perceber se ella ia para a cama ou para algum baile! — exclamou alto, repuxando para traz a juba castanha do cabello, e nutrindo secretamente o desejo de saber como lhe ficaria, a ella, um vestido daquelles.

Na discreta reclusão do quarto em que dormia, chegára mesmo a desnudar os seus braços lisos e o pescoço, e contemplára as poucas pollegadas de carne branca reflectidas no pequenino espelho da parede, com uma fascinação de horror que a levou depois a encobrir com o grosso cobertor de lã o seu passageiro enleio.

Em volta della, a floresta de Montana alastrava a sua tristeza cinzenta. Aos seus ouvidos habituados áquelle silencio, era um mosaico de leves sons diversos, — folhas seccas soltando-se dos galhos, agulhas dos pinheiros cahindo, murmurio de um vento timido a correr ao lume da relva, com pés invisiveis. Colheu um pouco as rédeas, e deixou-se ir, a cabeça lançada para traz, consciente como já mil vezes se sentira da sua identidade com o Universo, e sentindo a corrente da vida que latejava em cada haste, varrer-lhe a alma anciosa. Essa impressão de unidade com as coisas só lhe vinha na floresta; quando ella deixava por sob a copada das arvores onde mal entrava o sol, era como se acordasse de um mundo de sonho para uma outra existencia. Jen Galbraith que dentro de poucos minutos, pisaria o pequeno pateo em frente a taverna de seu pae, não era esta creatura absorta no seu sonho pagão, que alçava a sua alma aos céos como uma taça, cheia até a borda de extasi e de enlevo. De repente rasgou o silencio, como uma profanação, um rumor inesperado, — um tropel de cavallos costeando a estrada á beira do valle, para além das arvores. E a fanatica, e a contemplativa de ha pouco, transformou-se de subito na filha do deserto, ardilosa, suspeitosa, immovel. Todos os elementos do seu ser se concentravam agora no esforço de escutar.

Sim, eram os soldados. Não havia que illudir-se: só os homens da Policia Montada conduziam assim os seus cavallos, com aquella furia demoniaca. E o rosto encantador de Jen, plastico e brando, ainda ha pouco, fez-se de repente duro, accusou os ossos das faces á superficie da pelle. Falou ao animal, — uma syllaba informe que era uma ordem. — E dentro de um instante, Jen sahia de sob a cobertura do arvoredo e desabava montanha abaixo, o cavallo a resvalar na areia molle de ora em quando, as pedras soltas desaggregadas da terra, atiradas de roldão pelo declive.

— Ali vae a pequena de Galbraith! — gritou o cabo Byng, fincando as esporas nos flancos do cavallo. — Se não nos despacharmos, ella chegará á taverna antes de nós, e são capazes de nos encherem de buracos como se fossemos algum queijo Gruyére!...

Quando dois mezes antes se apaixonaram perdidamente.

O bello rosto de Tom Flaherty, sombreou-se de improviso. Nunca ouvira falar nem de Romeu Montecchio nem de Julieta Capuleto, mas houvesse elle conhecido o idylio, e teria decerto comprehendido a dolorosa situação dos dois namorados. Um homem da Policia Montada, quando tem ordem de prender contrabandistas de whisky, não pode, porém, ficar para traz e confessar embaraçadamente que ama a filha do principal infractor e que deseja portanto, ser substituido na diligencia. Muito á frente, a esbelta figura da rapariga ia avançando a bom correr e Tom tinha a impressão que era dentro do seu cerebro que ella transpunha montes e vallados. E a fronte cobria-se-lhe de um suor frio e espesso, á lembrança de como, uma hora antes, apertára em seus braços aquelle corpo gracil, e aquecera os seus lábios de encontro aos della.

Veiu da vanguarda um tiro de rifle, que arrepiou o lençol da neve, sobre a estrada. A escolta approximava-se da taverna que, segundo informação das autoridades, servia de base a um extenso trafico de alcool. Quando, por fim, os agentes transpuzeram a varanda e se abeiraram da entrada, aljofradas de branco, Tom bem reparou no rosto accusador, inexoravel, de Jen e cerrou os dentes num indizivel pezar. Ao passar na escada, junto della, branca e escarninha, ouviu num murmurio a accusação cruel: — E' assim que tu me amas! De bom grado, resgataria pela morte a fraqueza de te haver beijado!

Os Galbraith foram colhidos de surpreza. Houvessem elles recebido aviso quinze minutos antes, e os agentes nada teriam encontrado na adega, senão um cheiro illicito de alcool, que não bastaria para justificar prisão alguma. Assim, com as frontes carregadas, tiveram que sujeitar-se a ver os agentes confiscarem os cascos, que jamais ministrariam agora "cock-tails" ás damas de Southampton, ou aos "clubmen" de Nova York.

Tom Flaherty passou por Jen, e sem um olhar, uma palavra, sentiu-a em cada um dos seus nervos vibrantes, dos seus musculos retezados. Era caso de prisão, não havia duvida. O governo canadense não consentia em acobertar os infractores da lei de um paiz irmão, e Tom tinha um compromisso jurado perante o governo. Ah, porque não o haviam destacado para patrulhar a fronteira, em vez de o mandarem ali! Antes enfrentar um indio assassino, as mãos manchadas do crime, do que enfrentar Jen, depois disto! Maldita vida! Antes tivesse sido bombeiro ou varredor de rua, em vez de ser agente da lei! Quem lhe poderia vaticinar este arrependimento quando dois mezes antes se apaixonára impetuosamente, perdida e irremissivelmente por Jen Galbraith, e se achara elle proprio lindo no seu uniforme, de cujos botões amarellos, o sol parecia arrancar scentelhas de ouro!

Quando voltou dez minutos depois...

Durante dois dias Jen e os criados foram os unicos habitantes da casa, e cada minuto que passava, vinha pesado de apprehensões e de tristezas. Ao terceiro dia, Val e seu pae regressaram á casa, temporariamente, soltos sob fiança.

— Lindo namorado arranjaste! — disse Val zombando, tentando fazer plausivel a sua raiva. — Provavelmente, depois que tu e o teu Cavalleiro Assassino nos tiverem presos, hão de casar e darão a seus filhos assassinos por parentes!

Jen continuou a virar o toucinho na sertã, sem proferir palavra. As suas faces abrazavam-se do calor do fogo, — talvez calor tambem de algum fogo que ardia dentro della. Censurava Tom de si para si, por tudo que occorrera, mas, incoherente, revoltava-se se alguma outra pessoa attribuia a mesma culpa ao seu apaixonado. O seu coração era assim chamado a representar de promotor e de advogado defensor, a um só tempo.

— Elle fez bem! — dizia-lhe, com firmeza, a Razão — Cumpriu seu dever. Tu o terias desprezado se doutra fórma elle houvesse agido!

— Amasse-me elle, de verdade, e decerto se esqueceria dessa coisa trivial que é o dever — segredava-lhe o orgulho, calorosamente.

O velho Galbraith levantou a cabeça, feia e mal cuidada.

— Não se trata de discutir o que lá vae! Do que devemos tratar, é de combinar o que vamos fazer! — disse sombriamente. Era um homem possante e alto, do typo daquelles que as mulheres — mulheres timidas e meigas, como fôra a mãe de Jen — amam ao preço de cruel arrependimento. Numa época mais remota, teria sido um pirata, um rebelde, um salteador, um aventureiro daquelles que lutavam só pela embriaguez selvagem do perigo. As suas mãos eram grandes, nodosas, massiças, capazes de estrangular um lobo, o que já mais de uma vez haviam feito. Quando elle se levantava, como fazia agora, e se movia de um para outro lado, na cozinha, tudo em volta parecia insignificante e pequeno.

— Que vamos fazer? — disse Val ex-

E agora que não sou mais policia...

(*Termina no fim da revista*).

O DIABO AO-LEME

(WHEN THE DEVIL DRIVES)

Film da Associated Exhibitors — Producção de 1922 — Direcção de Paul Scardon

DISTRIBUIÇÃO

Blanche Mansfield.	LEAH BAIRD
Robert Taylor. . .	VERNON STEELE
Grace Eldridge . .	Arline Pretty
John C. Graham .	Richard Tucker

Quem não monologaria, como o porteiro do hotel, sobre o "quarto do rapaz solteiro", vendo aquella creatura esbelta, rosto occulto sob espesso véo, a caminhar com passos apressados e metter-se no elevador, depois de dizer, na passagem, ao porteiro, que não a annunciasse? "Ah! si as paredes tivessem ouvidos!..." Ouviriam muita vez coisas bem tristes, tão tristes como as do aposento de Roberto Taylor, quando Blanche Mansfield, vencendo as ordens que o criado recebera do seu amo, ali penetrou com impetuosidade.

— Blanche! — exclamou Taylor ao vel-a, reprimindo a sua irritação. — Eu não te esperava! Pensei que minha carta bastasse como explicação.

— Ha uma explicação que não foi dada, — retrucou a moça, num riso que vibrava sons agudos e asperos — e que eu venho buscar. O senhor falou de si, das suas finanças, mas não disse o que vae ser de mim.

Alongado no canapé confortavel, elegantemente posto na sua casaca, Taylor soltou com displicencia algumas baforadas do cigarro e respondeu:

— Minha cara menina, espero que tenhas o bom gosto e o bom senso de dispensar a scena convencional. Que lhe pareceria falar do tempo, que é um assumpto discreto e sem consequencias; ou, melhor ainda, não falar de nada absolutamente?

O tom de Roberto deixou-a litteralmente aturdida. Ella tornou-se supplice: que elle não fosse cruel, ella lhe havia dado tudo da sua pessoa. Não, não era possivel, não era digno...

Mas Taylor atalhou-a cerce:

— Acabemos com isso! Escrevi-lhe que me ia casar com Grace Eldridge, que mais ha a dizer?

Uma onda de sangue turbou a vista da rapariga, e, quando a nuvem passou, ella viu Roberto em estranha posição sobre uma extremidade do sofá, com a mão no peito e uma mancha humida sobre o hombro da casaca.

Ao criado que appareceu no instante da scena, ella gritou que chamasse o medico e, em seguida, a policia.

— Eu o matei! Eu o amava, por isso o matei, não é? — dizia ella rindo nervosa e desequilibradamente ao famulo.

Mas Taylor não morrera. O corta-papel que Blanche no seu desespero manejára, ferira-o apenas ligeiramente. E o negocio teria terminado com uma semana de repouso, si, ao cabo desse tempo, não recebesse elle na casa de saude onde se recolhera, uma carta, cujos dizeres lhe fizeram ver que o corta-papel cortára alguma coisa mais do que a epiderme. A missiva lhe vinha da noiva, Grace Eldridge e dizia que estava tudo acabado entre elles.

Ella não recriminava ninguem, mas Blanche tiha direitos superiores aos seus, ao amor de Taylor.

A leitura da carta tornou Roberto Taylor pensativo. O adeus de Grace o entristecia, e as suas palavras fizeram-no pensar em Blanche. Mas os seus pensamentos não duraram, porque a enfermeira lhe tomando a febre, achou que podia introduzir a visita que ha dois dias esperava accesso junto do doente.

Era um individuo corpulento e de aspecto rude.

— John Graham, dono do cabaret *Anoitece e Amanhece*, estabelecimento respeitavel e sem visitas da policia — disse elle apresentando-se a Taylor.

Em seguida explicou o motivo da sua visita: era velho amigo de Blanche e queria ver si as coisas se arranjariam sem maiores consequencias. Elle pleiteava a causa com tanta eloquencia que Taylor não precisou dar tratos á bola para perceber o que de facto se occultava sob a simples apparencia de "velho amigo". E por isso mesmo o rapaz apressou-se em prometter:

— Eu não proseguirei contra Blanche. Diga-lhe que lamento tudo isso. Adeus, senhor Graham, e felicidades!"

Quando transmittiu a noticia a Blanche e viu que ella se interessava menos pelo resultado da missão do que pela pessoa do enfermo, Graham suspirou. Ella pensava no outro e não o esqueceria... Mas Blanche meneou a cabeça: que não, faria por esquecer. Dedicar-se-ia a qualquer coisa altruista, a alliviar o soffrimento alheio.

Foi, talvez, com esse intuito que ella procurou trabalho, obtendo um logar humilde na comparsaria de um theatro de segunda ordem. Era quasi nada, mas ainda assim ganhava para comer, sobrando-lhe ainda tempo para se dedicar a uma dessas Missões que são, nos bairros pobres, um porto de consolo para os naufragos da vida. Foi ali que Blanche conheceu Ellen Ferber, uma rapariga de expressão suave e delicada e que sorria

Leah Baird

(*Termina no fim da revista*)

A ATLANTIDA

(MISSING HUSBANDS)

Film francez — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Antinéa	STACIA NAPIERKOWSKA
Tanit Zerga	Marie Louise Iribe
Capitão Morhange	Jéan Angelo
Tenente Saint Avit	George Melchior
O antiquario	Franceschi
Cegheir-ben-Cheick	Abd-El-Kader-Ben-Ali

SE proseguirdes — disse o beduino — sereis como dois defuntos ainda por morrer que estivesseis a comer commigo.

Os dois francezes trocaram um sorriso. Não ha nada mais absurdo para homens que sentem o sangue a correr fortemente nas suas veias, do que a idéa de morrer.

— O senhor condimenta a hospitalidade com o mysterio — disse o capitão Morhange, no estylo grandiloquo caro ao coração infantil dos filhos do deserto.

— E diga-me: que fórma reveste a morte que nos aguarda no deserto?

— Uma linda fórma — disse o beduino — a fórma de uma mulher cuja belleza excede a belleza da lua cheia.

O capitão proseguiu calmamente comendo. Homem endurecido em muitas guerras, com um sadio desprezo pelo ambiente perfumoso dos "boudoirs" parisienses, os braços de jaspe, os labios rubros, pouca attracção exerciam sobre elle. O tenente Saint Avit inclinou-se, porém, para a frente com os olhos em chamma.

— Quem é essa Circé do Sahara, que ama e mata desse modo? Mal enganado anda o senhor se pensa metter medo com mulheres a soldados, e a soldados francezes!...

O cheik acabou de saborear o seu bolo de amendoas e deu graças a Allah antes de responder com extranha má vontade e um olhar furtivo em derredor, para se certificar de que ninguem mais o podia ouvir:

— Sessenta homens se sentaram onde estaes e ouviram o meu conselho, e foram. Nenhum dos sessenta voltou. E' que o deserto sabe guardar bem os seus segredos.

— Mas, essa mulher — persistiu impacientemente Saint-Avit — quem é ella? Pensei serem conhecidos meus os nomes e rostos de todas as beldades do mundo, e francamente, não os ha em grande numero para conhecer. Mulheres bonitas, picantes, seductoras, não faltam; mas, bellas, são muito poucas! Lembras-te daquella dansarina da Comédie que o anno passado fez andar em desvairo todo o mundo?. — E voltando-se para o amigo: — Pois bem, eu fui vel-a, antecipando ter que entregar-lhe o coração! Que desillusão! Uns tornozelos grossos, um tufo de cabello ruivo, feito de crina de cavallo, uma porção de cosmeticos no rosto!... Que desapontamento, santo Deus!

— As mulheres são sempre desapontamentos — disse calmamente o capitão, acabando de comer as suas uvas e mettendo a mão no "lavabo" de vidro que o creado lhe apresentou. — Eu não sou capaz de andar uma milha mais, sequer, para ver a Rainha do Amor. Fui aqui mandado para explorar os antigos caminhos das caravanas, mencionados nos mais remotos relatorios, e desse encargo pretendo desobrigar-me. Quanto a ti, Jorge, creio bem que com essa perspectiva de uma incomparavel "Ella" deante de ti, não haveria dinheiro que te fizesse ficar para traz!

— Antinéa — disse o beduino, traçando o signal esconjurador do máo olhado — a millesima herdeira de Clito que, segundo dizem os homens, foi a primeira mulher creada — Antinéa, gloriosa como o sol do meio dia, e cruel como a areia do deserto!

Bateu palmas e um famulo appareceu á entrada da gruta excavada na espessura da rocha. Falou ao criado em arabe, lingua quasi tão conhecida dos seus convidados como a sua propria:

— Leva-os comtigo ao Começo do Fim. Vê que os seus rostos estejam voltados na boa direcção, que os alforjes dos camellos estejam cheios de mantimentos. Depois, voltarás aqui. Não se póde salvar os loucos da loucura, como não se póde salvar da dôr os que comem da baga envenenada!

Depois que os deixou o guia, os dois exploradores muitas leguas caminharam, jornadeando rapidamente, falando pouco, cada um preoccupado dos seus pensamentos que eram no capitão retrospecto, e no tenente antecipação. A' noite, apeavam-se dos animaes fatigados, armaram uma fogueira e comiam poupadamente, á luz das imperscrutaveis estrellas. O mais moço dos dois sentiu como que o seu espirito opprimido por estranho peso. Com o baixar do sol bondoso, um vento, vindo de remotos logares, atravessara o deserto, um vento febril, irrequieto, povoado de vozes gementes. Quem sabe lá se era verdade o que dissera o arabe?

Pensou com saudade nos Campos Elyseos, á noite, com os automoveis a passarem numa fieira interminavel, e as luzes a brilharem nos collos niveos das mulheres enroladas nos seus "manteaux" de theatro, encimados pela gloria dos cabellos resplendentes.

Depois, poz-se a rir dos seus receios. Uma lenda do deserto, uma miragem, por certo... Porventura era elle algum menino de escola, para tomar semelhantes coisas á sério?

Cinco dias depois, não ria, porém. Por sobre os tóros da fogueira, os seus olhos encontraram os de Morhange numa interrogação a que respondeu o olhar do outro. Esgotados os mantimentos, exhausta a provisão de agua que haviam levado, os animaes rebentados de cansaço, que sorte ia ser a sua, — miseras creaturas atiradas naquelle oceano de areia?

— Será o fim? — perguntavam os seus olhos.

— Parece — tinham respondido os do outro.

O céo apparecia distante, as estrellas eram meros pontos de luz que pareciam dansar um bailado de derviches, a escarnecer do desespero de Saint Avit. De léste veiu um clarão que parecia levantar-se de um poço aberto no espaço, e um menisco da lua, branca como o rosto de um leproso, appareceu por sobre a orla do deserto. O capitão Morhange deu um grito: — A rocha! Parece uma gruta!

Caminharam para a frente cambaleando, com a respiração arquejante a raspar-lhes as gargantas reseccadas, e Saint Avit viu desapparecer o seu companheiro que o precedia. Um momento depois, como um éco surdo, chegou-lhe a sua voz, na abertura da penedia:

— Agua! Um arroio subterraneo!

Apaziguada momentaneamente a sede que os opprimia, accenderam um archote e olharam em volta. Não havia duvida que a gruta havia sido excavada por mãos de entes humanos, de parceria com o tempo, e para prova, appareciam na luz baça, esculpidas na pedra, letras claramente traçadas: "A N T".

Saint Avit deixou passar a respiração entre os dentes, num silvo — Maldito seja eu se não é o nome daquella mulher de que nos falou o cheik — Antinéa, a Circé das sessenta victimas!

— Maldito seja eu tambem! — disse Morhange inemotivamente, detraz delle — olha aqui!

A lua subira mais alto e um delgado fio de luz clara e fria, vindo como um dedo indicador, pela abertura da gruta, pousava num dos extremos, onde a corrente subterranea tumultuosa, aos rugidos, se precipitava na luz, para mais adeante se esconder de novo á vista, mergulhando nas suas cavernas de pedra. Sobre a crista da onda branca encapellada, o corpo de um homem rolava como um madeiro que a agua fastigasse de perto. Um momento mais e estaria fóra do alcance dos exploradores, mas o capitão Morhange, tranquillo e reflectido como era, sabia ser rapido como um relampago, quando queria.

— Por Deus eterno, está vivo! — gritou Saint Avit, depois que voltaram de peito para cima o corpo do desconhecido. — Olha como elle volta a si! Deixa ver o teu cantil!

O poderoso cognac francez despertou um rugido nos labios roxos do afogado, e um momento depois, eil-o já sentado, a olhar os dois officiaes com pasmo, ao mesmo tempo que falava um arabe barbaro, difficilimo de entender. A pouco e pouco, entretanto, vieram a comprehender a sua historia. Fôra servo da grande Antinéa, e porque havia desobedecido a uma ordem, tinham-n'o lançado ao Poço do Castigo, para que ali encontrasse a morte. Mal podia ainda acreditar que estivesse vivo, pois quando a grande Antinéa sentenciáva alguem á morte, era a morte sem possibilidade de salvação!

Tremendo de terror, acceitou, finalmente levar os seus salvadores ao palacio da mysteriosa. E assim, ao primeiro clarão, partiram, rumo de leste, sentindo o

calor do sol como vinho que lhe corresse nas veias.

Ao meio dia, o arabe com um gemido deixou-se cahir sobre os joelhos, escondendo o rosto nas mãos, dispostas em concha. Desviando os olhos daquella imagem do panico, que se lhes arrojara aos pés, os dois homens estupefactos, ficaram a contemplar aquella coisa que parecia elevar-se ante os seus olhos, e tomar forma na irradiação do sol.

Dentre um circulo de palmeiras esvoaçantes, que estremeciam como verdes ondas numa brisa dellas proprias, elevava-se um palacio de sonho, côr de rosa, perfilando no céo infinito mil torres resplendentes como ouro virgem, e das quaes se desprendiam os vapores de uma nevoa prismatica. As aguas, muito azues, beijavam as areias, onde morriam escadarias de pedra que se repetiam pela reflexão, e milhares de joias cravadas no mosaico das paredes do palacio, despediam chispas de ouro e carmezim, que cegavam os olhos.

— Uma miragem! — fez o capitão, com os labios seccos.

Approximaram-se do palacio por sob as palmeiras, as amendoeiras, as laranjeiras que balouçavam em cima os seus globos de ouro. Através um engradado de prata, uma grande cascata despejava no lago a sua torrente. Silenciosamente, as portas em que se encastoavam gemmas preciosas, abriram-se de par em par á approximação dos exploradores, que se viram num grande "hall", decorado de mosaicos. Junto ás paredes, caixas de fórma estranha, ante as quaes Saint Avit deixou escapar uma interjeição:

— Mumias!

Assaltados pelo mesmo pensamento, contaram-n'as: sessenta! Apertadas as maxillas, os olhos a saltar-lhe das orbitas. Morhange approximou-se da urna que lhe estava mais proxima, levantou-lhe a tampa e recuou, levando á garganta uma das mãos. De dentro da caixa, o rosto de um homem branco olhava-o sem ver. A pelle estava coberta por uma solida capa de uma substancia transparente que deixava perceber todas as linhas do corpo. Parecia ter morrido havia uma hora apenas, mas Morhange pudera reconhecer nelle um explorador do Oriente de que não havia noticias ha quinze annos.

— Espaço para mais duas caixas! — gritou Saint Avit, com um riso convulso em que não vibrava nenhum contentamento.

— Evidentemente esta dama, como colleccionadora de amantes, tem a mesma paixão dos colleccionadores de sellos e camafeus! E pelo que parece, estamos fadados a fazer tambem parte da sua collecção.

— Um escandalo! Uma vergonha! —fez o capitão Morhange, enchendo a sala abobadada com as explosões da sua furia. — Onde é que está esta diaba?

— Aqui, — disse uma voz vibrante por traz delles. — Aqui!

Voltaram-se para observar que, sem ruido algum, uma mulher penetrara no "hall" durante o transe de horror em que tinham cahido, e estava agora junto de ambos, com o grande escaravelho que lhe formava um pingente sobre a testa, a reluzir na curiosa luz escarlate que inundava a sala. A sua tunica, de um rico tecido roxo, deixava-lhe a descoberto um dos hombros e o peito; o seu cabello negro, farto e sem lustre, cahia-lhe como pregas de metal em torno ao rosto pallido, que flammejava como se dentro da carne nivea ardesse um lume acceso.

— Sois, então, Antinéa? — perguntou o capitão com esforço. Parecia absurdo associar essa figura esbelta e juvenil ao pesadello daquellas sessenta mumias embalsamadas em ambar.

— Sou eu Antinéa !— disse com uma voz que tinha a resonancia de uma harpa, de sinos de ouro fundido, tocados ao crepusculo. — Que desejas de mim, forasteiro que me escarneces?

Perplexo, Saint Avit murmurava de si para si:

— Santo Deus! O fogo, o almiscar, o vinho! Numa só mulher, fundida a belleza de todas as mulheres do mundo! Santo Deus, santo Deus!

O capitão avançou com firmeza e mostrou uma grande mão bronzeada, accusadora:

— Vós matastes estes homens, alguns delles da mesma raça que eu! Que coisa vil, entre as mais vis ! Sois vós que tanto vos pareceis com Mona Lisa? Não fôra a praxe de um francez jámais levantar a mão para uma mulher e eu vos suffocaria a respiração nessa garganta de jaspe!

— Puzesses-lhe tu um dedo, e eu te mataria, sem piedade! — proclamou Saint Avit, numa explosão de colera incontida. As faces transtornadas, convertidas em mascaras de odio, entreolharam-se os dois officiaes, até ha pouco companheiros, amigos, irmãos.

— E se tu o matasses — declarou a voz de Luth — eu te faria torturar pela fórma que mais te prolongasse a morte, até m'a supplicares como os homens supplicam amor!

Saint Avit lançou os olhos áquelle formoso rosto, agora desdenhoso, e fez ouvir uma risada furiosa:

Junto ás paredes caixas de forma extranha...

— Não, não é miragem — segredou Saint Avit. — Olha: ouvem-se os passaros a cantarem, e nunca houve miragem com passaros cantando. O que o cheik nos disse era verdade. Prosigamos.

O rosto afogueara-se-lhe desusadamente, e os seus olhos tinham contrahido um brilho febril. A voz atenorara-se, como se se houvesse alçado de uma boa oitava.

— Nunca ouviste os arabes dizerem que aquelle que alcançar uma miragem e lhe tocar as aguas com os labios está morto? Verificaremos se é verdade.

Antes que Morhange o pudesse deter, Saint Avit desatára a correr, e o capitão viu-o ajoelhar-se junto ao lago de saphira e beijal-o com a bocca. Assaltou-o um arrepio de superstição, logo varrido pelo bom senso. Agua que se bebia, era agua de verdade, e aquelle palacio, a despeito da sua pasmosa belleza, era um palacio verdadeiro. Antinéa, portanto, por mais bella que fosse, tinha que ser uma creatura real, e nada mais.

— Vejo que estás escalado para ser a proxima mumia, meu velho! — disse, cerrando as mãos com tal força que as unhas lhe penetraram na carne! — Fizeste uma boa conquista!...

— Basta de loucuras! — disse Morhange laconicamente. — Vejo que este logar maldito nos alterou um pouco o juizo a ambos. Tratemos de obter mantimentos e guia, pois quanto mais depressa sahirmos deste ambiente venenoso, melhor será para nós!

— E terieis coragem de partir — perguntou Antinéa, approximando-se mais de Morhange — se eu vos pedisse que ficasseis? Nunca desci a pedir a um homem que ficasse em meu palacio. Mas eis-me curvada agora, eu a rainha, eu, filha de mil rainhas, curvada a ti, Senhor da minha alma!

E assim dizendo, tombou sobre os joelhos, os olhos ainda ardentes, postos no rosto lumgubre do capitão, os labios a palpitarem como um coração que tremesse.

— Maldita! — praguejou Saint Avit, rodando nos calcanhares e afastando-se da sala. Ouviu porém, ainda a voz aspera de Morhange:

— Levantae-vos! Se algum dia eu me apaixonar por uma mulher, não será decerto por uma assassina, por uma messalina!

Durante tres dias, com todas as artes ao seu dispor, com toda a sua meiguice que, comparada á meiguice das demais mulheres, era como uma vela comparada a uma estrella, Antinéa buscou conquistar as attenções de Morhange. Saint Avit, a esse tempo, estorcia-se como uma alma perdida, a arder sobre as chammas da perdição, na ponta de um tridente cruel. Tanit Zerga, a manicura da rainha, veiu a elle ao terceiro dia quando o viu a meditar á beira do lago azul, sob a fragancia embaladora das arvores viçosas, em cuja rama eram as flores da amendoeira como calices, a derramar incenso.

— Tenho-a servido toda a vida — disse Tanit Zerga, com as mãos tenras apoiadas á ondulação meiga dos seios — e é a primeira vez que a vejo amar!

— Toda a tua vida?! — disse Saint Avit volvendo para a rapariga os olhos ardentes. — Mas como, se Antinéa não é mais velha do que tu?

Tanit sacudiu os fragrantes caracóes dos seus cabellos negros.

— Não sei que edade ella tem — murmurou baixinho — mas era tal qual é hoje, quando eu era ainda criança. Creio que a edade não exerce sobre ella nenhuma influencia. Como uma rosa que florecesse sem nunca se fanar...

— Sim, ella é a Rosa da Alegria — disse Saint Avit, com voz tremente. — Já reparaste como os seus braços se encurvam? Já observaste como é dourado e doce o reflexo da sua pelle?

Tanit Zerga fitou com tristeza, o lindo rosto convulsionado do mancebo.

— Ha, entretanto, outras mulheres, meu senhor.

Saint Avit contestou pelo gesto.

— Não, não ha nenhuma outra mulher, depois que se viu Antinéa! Nem póde haver no futuro! Esses sessenta homens que por ella morreram saberiam confirmar isto que eu digo: tinham noivas, tinham namoradas, esposas, mas nenhum desejo sentiram de voltar para junto dellas!

Tanit Zerga falou, então, com uma especie de exaltação selvagem, mal dissimulada:

— Ella soffre. Conserva a mão sobre o coração quando está só, como se pela primeira vez o sentisse bater. Os outros tiveram occasião de fazer que ella os amasse, e não o conseguiram, e por isso morreram; mas só este com as suas grandes mãos, podia pelo seu odio subjugal-a, rendel-a de paixão, mas não a quer!

Depois que ella partiu Saint Avit percutiu o balcão de marmore com os nós dos dedos cerrados até a pelle se rasgar e correr o sangue, mas a dor só lhe causava alegria. Retirar-se-ia do palacio se pudesse, mas sentia fluida a sua vontade, como a agua que lhe corria aos pés. Ao contacto de uma mão leve como uma petala de flor, levantou-se de chofre com um grito, estendendo penosamente os olhos para Antinéa atravez o crepusculo que cahira durante a sua longa meditação.

— Vós?! Chamastes por mim? Porventura precisaes de mim?

Cinco dias depois, uma expedição militar franceza encontrou um homem cahido sobre a areia, morrendo de sêde. Despejaram-lhe um pouco d'agua entre os labios pergaminhosos e negros e suspenderam-n'o para cima de um camello, onde em delirio elle não cessou de falar de uma mulher de ouro e de um singular palacio, cujos minaretes alcançavam as estrellas. Mais tarde, recobrando um pouco da sua calma, tentou contar a sua historia.

— Matei-o porque ella me disse que o matasse, e os seus braços se encurvaram como o alfange da lua. Tinha que o matar porque a amava — comprehendem, bem, não é verdade?

— Delira — diziam todos, compadecidos.

— Sabe Deus, ha quanto tempo elle anda a vaguear pelo deserto!

O infeliz, no seu delirio, falou ainda do remorso que o levára a tentar matar a mulher com a faca ainda quente do sangue do companheiro, da outra mulher tranquilla e branca que o amara a ponto de fugir com elle do oasis, quando os guardas da rainha, ao vel-o hesitar, avançaram para elle. Tres dias haviam encaminhado o camello pelas areias em braza até que o animal tombou para a frente, esmagando sob o seu peso, desapiedadamente a fragil Tanit Zerga. — Ella morreu nos meus braços — gemia o infeliz — estranho, muito estranho! Poupei a mulher que me odiava e matei a mulher que me amava!

A' orla da villa de Has-si-Inifel, Saint Avit passou dias e dias no hospital militar, e ahi soturnamente, procurou morrer. Quando viu que tal lhe era impossivel, dirigiu-se — pobre espectro, cujo uniforme, grande em demasia, pannejava sobre os seus membros descarnados! — dirigiu-se ás autoridades militares, confessou-lhes que havia matado o seu superior, e pediu-

Silenciosamente as portas se abriram ante os dois exploradores...

— Sim — disse a rainha com labios que pareciam esculpturados numa pedra de sangue — preciso de ti. Elle vive, é a eterna tortura para mim! E' pois, mister que elle morra. Mas sou fraca, e não o posso matar por minhas mãos — mãos que o amam tanto que deixariam cahir a faca, para lhe afagarem o rosto!

Saint Avit sentiu que lhe mettiam na mão um objecto metalico; viu o clarão do luar flammejar na lamina afiada que pareceu penetrar-lhe o coração com o entendimento do que as palavras della queriam dizer. — Pedis-me então, que...

— Que o mates! — concluiu Antinéa. — Vae depressa! Elle está dormindo no seu quarto como um grande animal lindo. Estive junto delle a contemplal-o, mas o meu amor não o conseguiu arrancar ao seu profundo somno. Assim tambem jámais despertará para recordar-se de que Antinéa lhe implorou o amor, nem se rir dessa recordação.

(*Termina no fim da revista*)

Da alta sociedade

(LORD AND LADY ALGY)

Film Goldwyn — Producção de 1919

DISTRIBUIÇÃO

Lord Algernon Chetland	Tom Moore
Lady Cecilia Chetland	Naomi Childers
Mrs. Tudway	Mabel Ballin
Marquez de Quarmby	Frank Leigh
Duque de Droneborough	Herbert Standing
Tenente Standge	Phil Mc. Cullough
Crosby Jethnoe	Leslie Stuart Junior
Barbazon Tudway	William Buress
Svepron	Alec B. Francis
Mrs. Volkins	Kate Lester
Amesby	Hol Taintor

A maledicencia não achou nada para dizer da separação de Lord e Lady Algernon Chetland. Viveram sempre correctamente, casaram se por amor e ninguem punha em duvida que ainda se amassem. Si não podiam viver juntos, isso era cousa que sómente a elles interessava. Lord Algy (como o chamavam abreviadamente os mais intimos) tinha a honra de ter por pae ao duque de Droneborough, no que elle encontraria igualmente muito prazer, si não fosse a accentuada preferencia que votava ao filho mais velho, o marquez Quarmby, especie de hypocrita e inutil.

Lord e Lady Algy eram dois *sportmen* enthusiastas, porém com a particularidade de que, no turf, Cecilia revelava qualidades de competencia muito superiores ás do marido. Algy, invariavelmente, se compromettia no máo cavallo, contra a opinião de sua esposa. Isso servia de thema a caçoadas nos circulos do casal, e deixava os dois esposos, absolutamente, indifferentes aos prejuizos pecuniarios que resultavam dos erros do joven Lord. Mas a coisa tanto se repetiu que, afinal, sobreveiu a crise. Foi por occasião do "Grande Steeplechase Nacional". Algy jogava tudo no seu animal "Dewdrop", porém Cecilia não tinha fé nem no animal, nem em Mawley Jemmett, o jockey veterano de Algy, que abusava do alcool na vespera das corridas. Pela primeira vez, Cecilia achou insupportavel a falta de julgamento do marido. Não houve rancor na separação; descobriram, apenas, que se não podiam entender. Cecilia voltou para a companhia de sua tia e continuaram ambos bons amigos.

Dois dias antes do "Grande Steeplechase Nacional", o marquez de Quarmby appareceu em casa de Algy, pela manhã. Mostrava-se embaraçado, hesitante, em deixar cahir a mascara de hypocrisia com que sempre se apresentára irreprehensivel, e, gaguejante, ia dizendo que estava seriamente apaixonado por uma linda mulher e tinha difficuldades para encontral-a discretamente. Pensára, por isso, no appartamento de Algy... Algy mostrou prazer em prestar esse serviço ao irmão e Quarmby foi ao telephone prevenir a sua beldade que viesse immediatamente. Dado o recado e tendo de sahir para voltar depois, Quarmby, temendo não estar de regresso antes da mulher chegar e não achando delicado revelar o seu nome ao irmão, deixou com este uma photographia della, para que Algy a pudesse reconhecer.

Estou apprehensivo, gaguejava o Sr. Tudway

O casal Brabazon Tudway preparava o seu lançamento na sociedade londrina. A campanha da offensiva social deveria começar por um baile á fantasia na vespera do "Grande Steeplechase Nacional".

Era general em chefe da campanha o *honorable* Crosby Jethnoe, que tivera pretensões a respeito de Lady Algy, quando solteira. Tudway era um individuo que viera de baixo, com falta de boas maneiras, mas com muito dinheiro, ganho em fabricar sabonetes. Era, justamente, a mulher desse arrivista, a Sra. Tudway, o objecto da adoração do marquez de Quarmby. Algy tinha relações com Tudway, a quem Cecilia havia tambem sido apresentada. Nenhum delles, porém, conhecia madame Tudway.

Ao sahir da casa de Algy, Quarmby cruzou com Tudway, que entrava. Elles não se conheciam, graças á cautela de madame Tudway, que sempre achára prudente evitar uns tantos incidentes.

As maneiras affaveis e distinctas de Algy haviam inspirado uma grande sympathia, misturada de respeito e admiração, a Tudway, e só isso explicava o pedido que elle accrescentou ao convite para lord Algy comparecer á sua festa, na noite seguinte.

— Estou apprehensivo — gaguejava o sr. Tudway, — suspeito que minha mu-

A hora da corrida

lher esteja dando attenção a algum desses aventureiros titulados, e desejava que vós lhe desseis alguns conselhos, como um velho amigo meu.

Lord Algy promettia-lhe os seus bons officios, quando se lembrou de que havia esquecido de dar ordens para o almoço com que havia offerecido regalar o irmão e á sua dama.

Durante a sua ausencia, Tudway, indo tomar o chapéo que deixára sobre a mesa, fez cahir ao chão uma photographia, e, ao apanhal-a, estatelou os olhos. Era o retrato da sua mulher! O homem não cahia em si de surpresa. Era, então, lord Algy o tal "aventureiro titular"!

Tudway teve impetos de explodir, mas dominou-se. E quando Algy appareceu, elle se limitou a perguntar-lhe se nunca havia sido apresentado á sua esposa. Lamentava ser uma excellente creatura. Havia de conhecel-a no dia seguinte, dizia elle, com uma certa perversidade, despedindo-se de lord Algy.

Meia hora depois, quando o duque de Droneborough entrou em casa do filho, encontrou-o palestrando com Cecilia, que havia corrido afim de tentar, emquanto era tempo, impedir que o esposo se arruinasse no "Dewdrop". Ella havia resolvido jogar tudo quanto possuia em "Flickamarco", seguindo nisso, em parte, os conselhos de Crosby Jethnoe, que se estava tornando um pouco cacete com as suas attenções, mas que, na verdade, tinha boas informações no turf.

Cecilia viera sem se annunciar, e, ao entrar, descobrira a photographia de mulher sobre a mesa. A descoberta divertiu-a, porque ella sabia que o marido não era dado áquelle genero de sport.

Com a chegada do velho duque, sempre severo e rispido para com seu filho, Cecilia retirou-se.

Mal acabava de sahir, a campainha da porta poz-se a tocar nervosamente. Algy, sabendo quem era a visita, forçou a retirada do pae para a sala de jantar, a tempo de evitar um encontro desagradavel.

Era a sra. Tudway. Perguntou se não era elle irmão de Quarmby, se não era ali o *rendez-vous* que elles haviam combinado, e poz-se a tagarellar, encantada com aquella aventura, que a punha na intimidade de verdadeiros nobres, legitimos lords.

Os esposos separados

Algy sentia agonias prevendo o resultado. O pae não tardaria a ouvir a voz da mulher, que se obstinava em ficar na sala sem querer passar para o aposento que Algy lhe indicava. E foi o que aconteceu.

O velho entrou na sala, e, solemne, severo, interpellou o filho:

— Onde está a sua sinceridade? Onde está a sua decencia? Onde está o meu chapéo?.

Mas o duque foi interrompido na sua objurgatoria pela apparição do marquez de Quarmby, que vinha radiante, prelibando os encantadores momentos que ia passar.

Algy respirou. Felizmente o irmão chegava e ia assumir a responsabilidade e libertal-o das iras paternas. Mas Algy não havia ainda descido ao fundo da alma do irmão, para conhecer o que havia ali de hypocrisia e de egoismo. Quarmby não só guardou silencio, como parecia approvar a attitude do pae. Mas a Sra. Tudway, não tardou a surgir para complicar ainda mais a situação do pobre Algy. "Ah! o senhor soffre o castigo — a humilhação — por minha causa, declamou ella em tom dramatico." Algy afinal estava furioso. "A senhora poderá ao menos me dizer o seu nome- exclamou elle. — "Não, respondeu a romantica creatura, pegando-lhe no braço e fitando-o com lyrismo, serei um sonho nebuloso..."

Cecilia que havia esquecido um objecto em casa do marido, entrou, no momento da nebulose, e Algy, viu que ainda não havia chegado ao fim dos seus males. Cecilia ria-se sem maldade e com pena do trabalho que elle se dava para explicar a sua critica situação.

No dia seguinte, á noite, conforme havia promettido, Algy dirigiu-se á casa de Tudway vestido de duque de Malborough. Ahi chegando e desejando desobrigar-se do compromisso de pôr Madame Tudway no bom caminho, Algy, não a conhecendo, teve a felicidade de encontrar o tal "sonho nebuloso", que tantas penas lhe causara na vespera, e lhe perguntou si ella não conhecia a dona da casa, Madame Tudway. A dama lhe confessou que era ella propria, e Algy, não esperou pelo resto, entrando a pleitear a causa do amigo Barbazon. Algy que se exprimia com sinceridade e com o calor que trazia do jantar em que celebrara por antecipação a corrida do dia seguinte, pegou no braço de Madame Tudway, e... E dahi por deante, elle não tinha no dia immediato noção bem nitida do que se havia passado. Parecia-lhe que naquelle momento surgira um individuo com uma mascara horrivel, que se atirou sobre elle a chamal-o de villão, debochado, seguindo-se uma luta entre os dois durante a qual a mascara e a peruca do individuo cahiram, deixando a mostra a cara do seu amigo Brabazon, que, por motivos que elle ignorava, o expulsara da sua casa, em presença de todos os convidados, entre os quaes elle via a expressão dura do pae e a attitude correcta e impeccavel do irmão mais velho. Só uma pessoa pareceu protestar contra aquella estupida injustiça:

(*Termina no fim da revista*)

Perguntou se não era elle o irmão de Quarmby

STANLAWS APOIA A IDÉA DOS "PEQUENOS THEATROS" PARA O CINEMA

Os "pequenos theatros", que ultimamente têm sido tão populares entre os *habitués* do drama falado, estão sendo advogados para o cinematographo e ha todas as razões para se esperar que tenham o mesmo successo.

Entre os que apoiam esta idéa está Penrhyn Stanlaws, um artista do pincel, que abandonou a sua arte pelo cinematographo, em cuja arte vae dedicar-se de corpo e alma. Stanlaws é um director de scena e o seu ultimo trabalho é *Over the Broder*, com Betty Compson e Tom Moore.

"Eu não tenho experiencia sufficiente para discutir esta questão, economicamente. Esse assumpto é da alçada dos productores e exhibidores. Entretanto, é claro, essa innovação tem forçosamente de ser um grande successo economico, de outro modo não poderia ser considerado, pois a arte cinematographica é tambem uma grande industria. Porém pelo lado artistico eu apoio incondicionalmente a este movimento, pois o "pequeno theatro" tem mais arte.

O "pequeno theatro" suppriu uma grande lacuna do drama falado e tem feito e trazido muito beneficio.

Por que não se introduzir essa idéa no cinema? Ha muitos assumptos que eu desejaria ver filmados, porém não sob as condições presentes. Eu não sou dos que querem que os productores de fitas digam mal de todas as producções. Porém ha muita cousa que a grande maioria do publico gosta de ver e ha outra a que o publico absolutamente não presta attenção".

Leatrice Joy e sua progenitora no jardim de sua residencia, na California.

☆ ☆ ☆

NÃO E' BRINCADEIRA SER AMIGO, DIZ DEXTER

"E' uma grande cousa ter um amigo, porém não é brincadeira perdel-o".

Assim se expressa Elliot Dexter, o actor que fez o papel de "Max", o amigo de coração de "Anatol" na já celebre fita da Paramount, *The Affairs of Anatol*, dirigida por Cecil B. de Mille.

"Todos nós apreciamos e gostamos de nossos amigos, quando somos tão felizardos em tel-os", commenta Dexter. "Porém poucas vezes acceitamos os conselhos delles. E quando um amigo, com a melhor intenção deste mundo, tenta apenas nos auxiliar em nossas afflicções, geralmente não gostamos e algumas vezes até mesmo cortamos as nossas relações totalmente.

Isso é o que aconteceu entre Max e Anatol, á medida que Jeanie Macpherson, a autora do scenario, vae aos poucos desenvolvendo os dois caracteres. Max, valendo-se de sua longa amizade, tanto com Anatol como com Viviana, tenta auxilial-os em suas afflicções.

Anatol, apezar de tudo, nunca se mette em altas cavallarias, ao passo que Viviana é um genio opposto. Max se vê em grandes apuros para conciliar os dois.

Elle tem algum exito. Porém quasi perde a amizade de Anatol, como acontece sempre na vida real.

Desempenhar esse papel, Max, o amigo, é uma das cousas mais difficeis do cinematographo", conclue Dexter.

Elliot Dexter é um dos principaes actores, formando o elenco escolhido por Cecil B. de Mille, afim de produzir a fita *The Affairs of Anatol*. O elenco, além do Sr. Dexter, inclue actores taes como Wallace Reid, Gloria Swanson, Wanda Hawley, Bebe Daniels, Monte Blue, Theodore Roberts, Agnes Ayres, Theodore Kosloff, Raymond Hatton, Julia Faye, Polly Moran e outros.

☆ ☆ ☆

"NICE PEOPLE", UMA OUTRA GRANDE PRODUCÇÃO DA PARAMOUNT

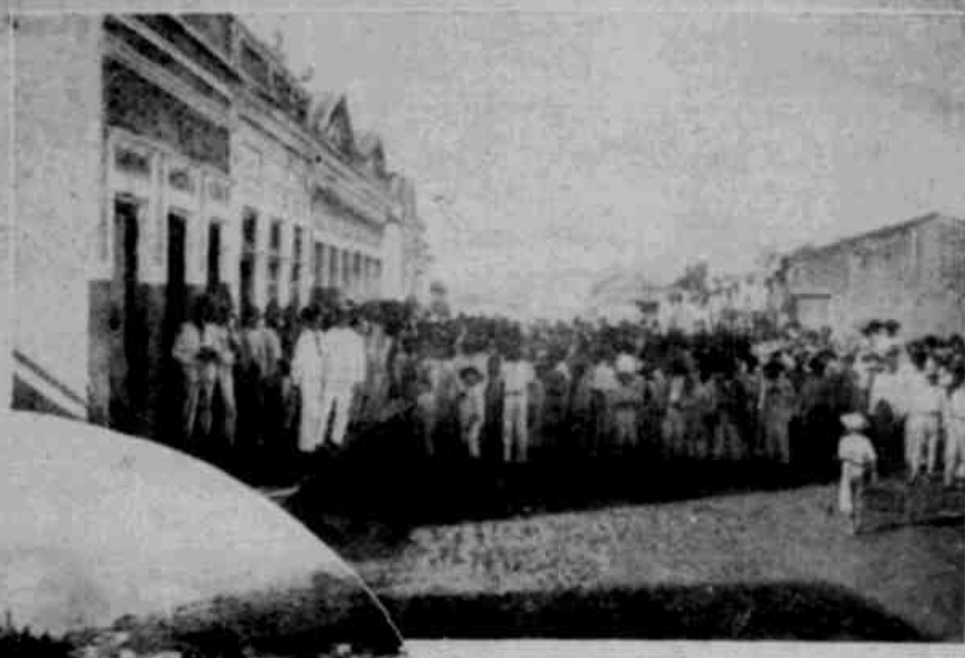
De maneira a sempre captivar a sympathia do publico, o Sr. Jesse L. Lasky, vice-presidente da Famous Players Lasky Corporation, nos annuncia que a proxima producção de William de Mille, *Nice People*, que se segue immediatamente a *Bought and Paid Ror*, abrange em seu elenco um grupo notavel de actores e actrizes. Entre elles se notam: Bebe Daniels, Wallace Reid, Wanda Hawley, estrellas todos e Conrad Nagel, o joven e popular actor.

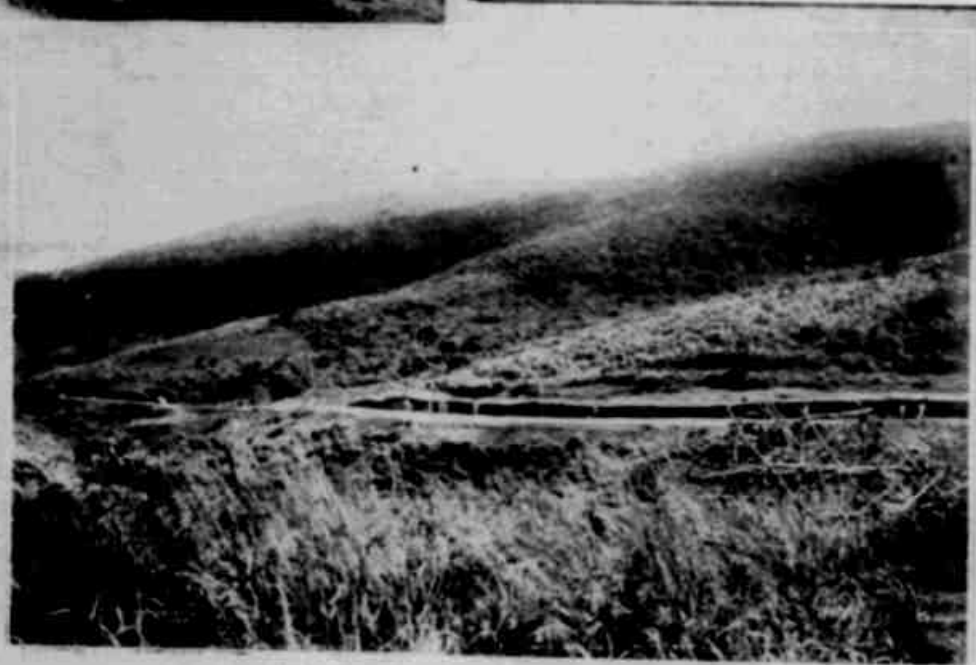
Com isto, a companhia vae seguindo a sua norma, seguida em muitas fitas Paramount, de agrupar em suas producções muitos dos mais famosos actores do mundo da téla.

☆ ☆ ☆

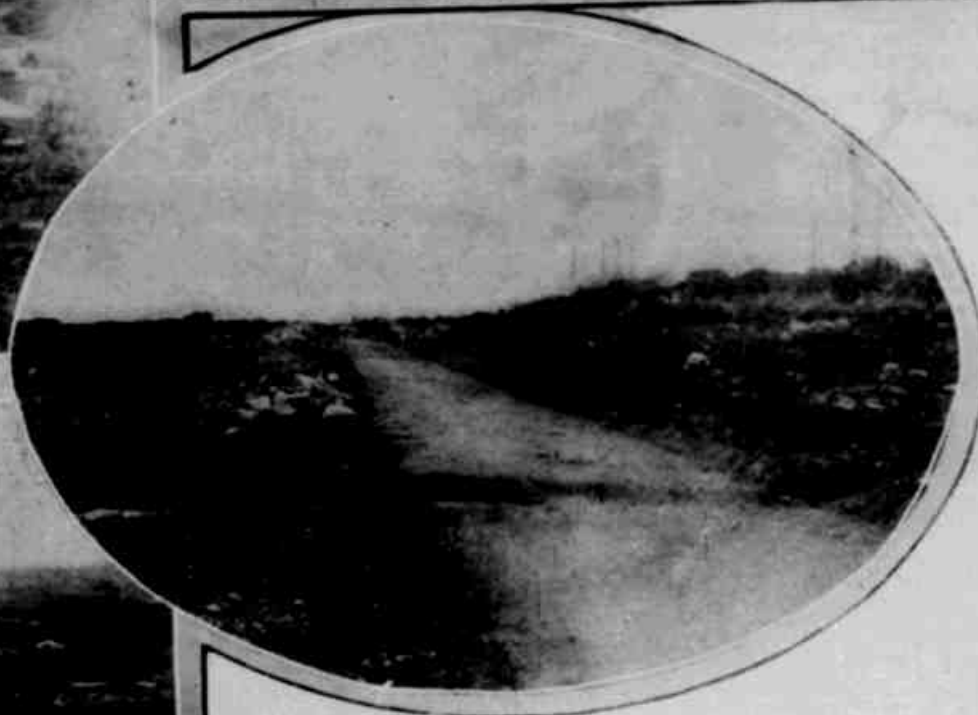
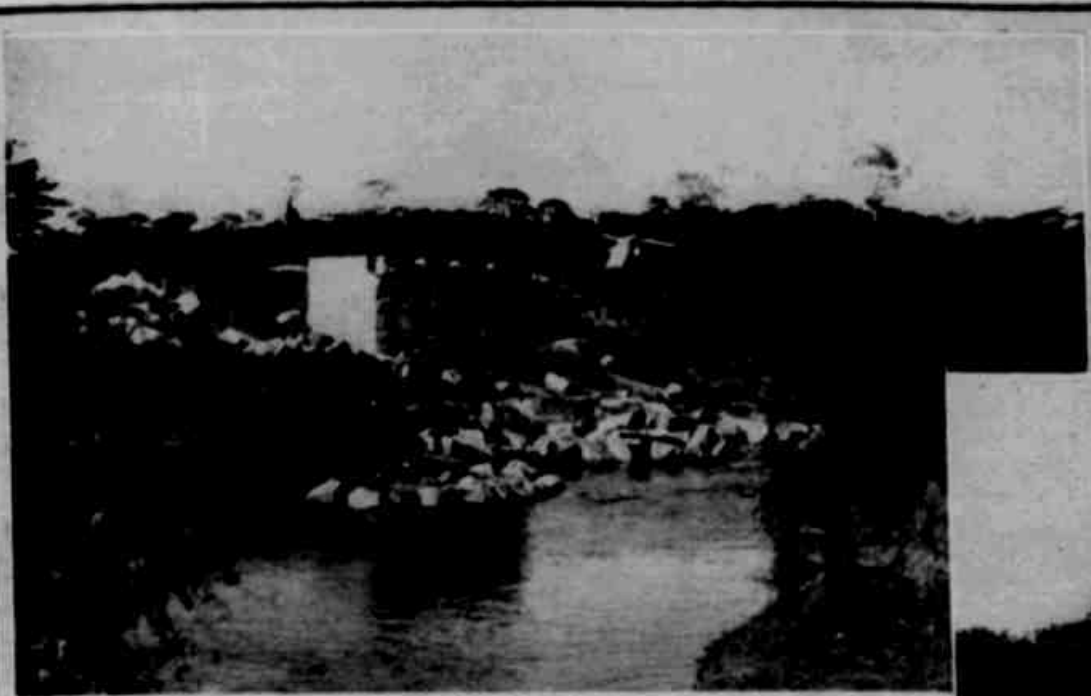
A importação de films na Hespanha em Junho deste anno, foi de 37.506 metros. Destes eram allemães 19.295.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Uma vista da estrada de rodagem de Umbuzeiro a Limoeiro.

Trabalhadores aguardando o pagamento do salario. Estrada de rodagem de Umbuzeiro a Campina Grande.

Desenvolvimento parallelo das duas estradas, de ferro e de rodagem, de Umbuzeiro a Limoeiro. Trabalhos preparatorios do leito da E. de Ferro.

Preparo do leito da E. de Ferro Limoeiro a Umbuzeiro. Trecho prompto para receber os dormentes. Côrte na mesma linha ferrea.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Construcção de uma ponte sobre o rio Tracuhaen. — Riacho Pedra do Somno. — Ponte em construcção. — Ponte provisoria para passagem do material ferroviario. Estrada de Ferro Limoeiro a Umbuzeiro. — Um córte a dois kilometros de Limoeiro.

Vista, lado norte, da cidade de Limoeiro. — Vista, lado sul, da mesma cidade. — Leito preparado da Estrada de Ferro Ceará - Parahyba.

MAY ALLISON

Essa linda artista dá uma série de conselhos ás suas admiradoras sobre os cuidados que deve merecer á mulher a conservação dos seus attractivos naturaes. Respigamos alguns entre esses conselhos, que, necessariamente, as nossas leitoras lerão com prazer.

" Muita gente ha que se gaba de não usar em sua *toilette* mais do que agua, sabonete e escova de dentes.

Isso é excesso. Considerar méras frivolidades esses cuidados de *toilette* é desprezar a sua propria belleza, que carece de cuidados. Não sou partidaria de cuidados exagerados, e mesmo, quem tem o que fazer, quem tem suas occupações, não póde estar perdendo tempo com isso. Mas não devemos, tambem, pôr de parte, como muitos aconselham, os pós, os crimes, as massagens... usando-os com discreção.

Cada moça deve consagrar algum tempo aos cuidados de sua *toilette* e isso desde cedo, para conservar os seus encantos naturaes, que a natureza, se prodigalisa, não conserva entretanto.

Parece que lavar o rosto é uma coisa futil, não? Pois não é tanto assim. Quem desejar ter e conservar uma cutis lisa, deve ter todo o cuidado nessa parte da *toilette*.

A' escolha do sabão é preciso que presida o maior criterio. Quando a cutis é, naturalmente, gordurosa, deve se usar os sabonetes transparentes, que são os mais proprios. Deve-se, em todo caso, experimentar diversos até acertar com aquelle mais proprio a cada epiderme. Todo aquelle que der á pelle, depois de seu uso, uma sensação de estiramento ou dureza, deve ser posto de parte.

O mesmo se deve fazer com relação ás pastas dentifricias, cremes, champoos, etc. Sobre os pós ha toda a conveniencia no exame acurado. Os de preços baixos, em geral, são nocivos. Os de perfume forte são tambem, em geral, de má qualidade, servindo o perfume, por via de regra, para occultar os defeitos de fabricação.

Antes de uma pessoa se deitar, deve lavar, cuidadosamente, a cutis; os pós são prejudiciaes durante a noite. Seu uso é para evitar o brilho das gorduras, proteger a cutis contra o vento, a poeira e o sol. Para esse fim, é conveniente usar um creme, que se unta ligeiramente, passando, depois, um panno limpo no rosto. A escolha do creme deve merecer não menores cuidados.

Esses são os meus principaes conselhos. Ha poucas moças no mundo que sejam tão formosas que, para seus cuidados de *toilette*, exijam, unicamente, agua e sabão. A nossa belleza é um dom. Saibamos, ao menos cultival-a e conserval-a. "

☆ ☆ ☆

OS FILMS ALLEMÃES E A IMPRENSA ALLEMÃ

Der Film, de Berlim, que foi, por muito tempo, adversario da importação dos films estrangeiros, acaba de mudar, sensacionalmente, de orientação. Em seu artigo de fundo: "As vantagens da livre importação", declara com franqueza: "E verdade que a producção allemã corresponde á média da producção internacional, mas não é menos verdade que, *na Allemanha, essa média só é alcançada por uma meia duzia de directores de scena, particularmente capazes. A grande maioria dos films allemães não seguiu ainda a via do progresso na arte cinematographica.* A importação livre dos films estrangeiros dará aos directores de scena allemães a possibilidade de aprender e melhorar os seus processos."

☆ ☆ ☆

A *Europaische Film Allianz* (Efa) parece que entrou em um periodo de crise. O dollar anda escasseando e por isso mesmo é que Pola Negri foi para os Estados Unidos e Lubitsch parece que em breve tomará o mesmo caminho.

Baby Peggy, de tres annos, da Century Comedy, no film "Hansel und Gretel".

RISADA REVELADORA

(*Fim*)

altado. — Vamos entrar para a cadeia e apodrecer lá dentro!

E como que havia uma ancia, uma fome latente no seu olhar, quando elle contemplava através as janellas o inverno ensolarado, a pompear lá fóra.

De um salto, tal um animal selvagem que visse cerrar-se sobre si a armadilha assassina, levantou-se e encaminhou-se á porta.

— Por agora, vou fazer uma coisa: embebedar-me!

A porta bateu com força detraz delle. Jen poz numa travessa a comida que acabára de cozinhar, e levou-a para a mesa. Mas o pae abanou a cabeça, tristemente:

— Dizer que nesta casa abriram os olhos cinco gerações de Galbraith! E agora — fez-se-lhe cava a voz — teremos que ir viver entre estrangeiros...

A faca tremeu nas mãos de Jen.

— Entre estrangeiros?! Como?...

— Decerto. E' o unico meio de salvação: perder a fiança e passarmos a fronteira com o que pudermos! Ou achas que devo ir apodrecer por detraz das grades da cadeia? Ah, não, que se chegarmos a isso, alguem ha de ir para o inferno antes de mim!

Ao crepusculo, quando á furia do vento, os pinheiros começavam a estorcer os braços nús e fracos, Jen que costurava á lareira, levantou-se de improviso. Do lado de fóra ouviam-se pégadas hesitantes, como de alguem dominado pelo medo. Pedro Galbraith içou ao alto o corpanzil pesado, e Pierre, o mestiço, penetrou no aposento, derramando em volta de si um halito de gelo. Apezar da pressa, do terror que o affligiam, os seus olhos foram direitos a Jen, antes de a mais ninguem.

— Alguma novidade? — fez Galbraith, agarrando o garrucheiro pelo braço, e sacudindo-o violentamente. — Não se trata de Val, espero bem...

Pierre passou o braço tatuado pelo cabello, molhado de suor e de neve.

— Brigou com o "Diabo de Neve". "Diabo" muito bebedo, mostrou-lhe uma medalha e disse-lhe que era presente de miss Jen. Val puxou do revólver e o outro cahiu morto.

Peter Galbraith não levava muito tempo a transformar-se quando enfrentava um perigo que reclamava todos os seus recursos de astucia e habilidade. E os olhos brilhavam-lhe, então, e quasi ria ao mesmo tempo que fazia perguntas e dava ordens. E onde estava Val? Escondido no botequim? E que differença fazia um mestiço de mais ou de menos?

Mas Pierre guardara para o fim o pedaço de mais sensação. E os seus olhos negros, redondos como contas, animaram-se de um estranho fulgor:

— "Diabo de Neve" não era um mestiço qualquer. Pertencia tambem á Policia Montada, se me faz favor!...

Jen agarrou-se ao braço de seu pae. O sorriso diabolico resvalou aos poucos dos labios de Peter Galbraith. Val matára, então, um soldado da Policia Montada? Se o agarrassem, era a forca, pela certa! Desamparou-o a primitiva compostura, e de repente, as roupas pareceram grandes demais para o seu corpo. Falou com firmeza, sem embargo:

— Apromptа o trenó e os cavallos. E' preciso que amanhã, ás primeiras horas, Val esteja para lá da fronteira!

No momento de silencio que se seguiu, os braços gigantescos do vendaval desencadeado, abalaram a taverna. As sombras do luar dansavam no chão, como uma cortina ao vento.

— A noite está pessima! — murmurou ainda Pierre, mas deu as costas, disposto a obedecer. Por terrivel que fosse o temporal, mais de temer era a colera de Pedro Galbraith.

Ajoujada á janella, Jen contemplava o torvelinho da neve, e a despeito do receio pela sorte do irmão, sentia dentro de si um singular arrepio de contentamento selvagem.

Afinal, selvagem era a sua gente; e selvagem era por certo o sangue que latejava por sob a sua carne. Que noite para cavalgar na treva, em face á tempestade, numa unidade completa com os elementos!

Mas, da sombra, emergiu de repente, uma fórma negra. No lume desaprumou-se uma tóra, e todo o ambiente se encheu de uma reverberação sanguinea. Jen murmurou um nome:

— Tom, Tom! Meu amor!

Enquadrada na porta contra o reflexo do brazeiro, as saias a esvoaçar em volta della ao sabor do vento, Jen guiou até um seguro refugio aquelle que vinha cégo pela neve. Tom Flaherty abateu-se sobre o banco em frente ao lume, mas só poude falar depois della lhe servir um pouco de café quente.

— O meu cavallo prancheou na encosta do monte e tive que o ver morrer — murmurou o mancebo por entre os labios negros. — Não me houvesses tu chamado, e eu teria passado sem entrar. Olha Jen: mal tenho tido coragem de viver desde que, noutro dia, li nos teus olhos que me accusavas...

Jen recuou. Na alegria de o tornar a ver, esquecera-se de que devia odial-o. Depois, quando penosamente elle se fez de pé, apanhando o pacote coberto de oleado que trazia, o seu terror foi mais forte que o seu resentimento.

— Não, tu não vaes affrontar isto! — disse apontando a janella, onde a neve dansava um bailado satanico e o vento uivava a agonia de mil almas perdidas. — A pé, morrerias antes de vencida a primeira milha!

O policial abanou a cabeça:

— Levo ordens selladas para a Central, e tenho que as levar, quer possa, quer não! E' o meu dever, meu amor, e ou um homem cumpre o seu dever, ou não pode viver em paz comsigo!

Num clarão de intelligencia, Jen penetrou no grande coração sadio e nobre do rapaz, e sentiu que era por isso que o amava, porque elle fazia sempre o que devia, muito embora tivesse que apunhalar o coração, muito embora houvesse de custar-lhe a vida! Alvoroçou-se-lhe o coração num impeto de enternecimento, mas apenas disse:

— Espera, Tom. Vou mandar um dos rapazes sellar o meu cavallo para ti.

Ao sahir do aposento, cruzou-se com seu pae, mas viu-o apenas com os olhos e não com a razão. Tinha no sangue a tormenta, a fustigal-a até ao extasi.

— Onde vaes, Jen?

Ella fitou Pedro bem de frente, e elle teve a singular impressão de que ella o via de uma grande distancia.

— Vou buscar o meu cavallo para Tom.

Galbraith viu-a partir, boquiaberto. Estava então ali Tom Flaherty, um agente, uma ameaça, portanto, á segurança de Val. Os queixos, duros como granito, apontando á flor da pelle, Galbraith passou á cozinha.

Quando Jen voltou, dez minutos depois, foi para encontrar o seu namorado derreado sobre a mesa. Ao seu grito de medo, elle levantou a cabeça e fitou estupidamente nella os olhos ennervados e opacos.

— Tenho... tenho que ir... — murmurou, com o suor em camarinhas na testa, pela agonia do esforço — tenho... tenho que levar a carta...

Jen encostou-lhe ao rosto a face, procurando reanimal-o com todos os carinhos feminis que conhecia, mas a carne de Tom parecia morta. Sobre a mesa, sob os seus dedos frouxos, estava o pacote, coberto de oleado. Jen apanhou-o, guardou-o dentro da blusa, e beijou uma vez mais a bronzeada cabeça que uma vez mais buscára o recosto dos braços sepalmados sobre a mesa. Depois, rapidamente, arrancou-lhe o sobretudo encharcado e atirou-o aos hombros frageis. Ageitou os cabellos no bonet de Tom e abriu a porta. O cavallo ha pouco sellado, uma figura sombria em meio ao remoinho da neve, rinchava accusadoramente; mas, Jen, já montada, segredou-lhe ás orelhas:

— Se esta carta não chegar ao seu destino, Tom estará perdido!

A neve! A neve obliterava-lhe o mundo, coagulava-lhe os sentidos. Dentro de meia hora, parecia a Jen que desde tempo infinito cavalgava por sob uma nevada que jámais tivera principio, que jámais teria fim.

O tempo e o espaço eram agora palavras sem sentido. Coroas reaes eram apenas os ventos a zimbrarem o céo de implacaveis chicotadas e o contacto d'aquelle pacote contra o seu seio tenro. O temporal apagava todos os pontos de reconhecimento, e só de vez em quando, se a cortina branca se rasgava um momento ante os seus olhos, ella percebia um trecho da paisagem sinistramente banhada da luz boreal e sabia então, que não se desviára do caminho.

A aurora abriu os seus olhos mortiços para os lados do oriente, quando Jen de novo tornou á cozinha da taverna. Esbarrando sobre a mesa, Flaherty dormia ainda estertorosamente. Os dois outros occupantes do aposento, Pierre e Pedro Galbraith, olhavam para ella estupidamente.

— Onde estiveste? — perguntou-lhe o pae, com os labios.

— Fui á Central de Policia — declarou Jen com um calor triumphal que lhe aqueceu a voz e despertou a Tom. — Fui á Central — ouves Tom, querido? — e entreguei as ordens de que tu eras portador!

Mas ás ultimas palavras, succedeu um grito de terror quando Galbraith se levantou da sua cadeira e investiu para o agente, somnolento e apatetado ainda:

— Vamos! Que diziam aquellas ordens, maldito? Olha aqui, Pierre: elle ainda está atordoado daquella droga que eu lhe dei. Traze aqui um pouco de agua...

Tom Flaherty falou lentamente, pontuando de longas pausas as suas palavras.

— Um individuo qualquer... estava bebedo, parece... deu um tiro num mestiço... da força policial. E o posto... pediu á Central uma escolta... para prender o assassino...

Com um grito, Jen metteu-se de permeio entre o namorado e o rosto convulso, os pulsos ameaçadores de seu pae. Os seus labios estavam sem cor, e os seus olhos dir-se-iam os de um faogado, abertos dentro de alguma agua pardacenta e morta.

— O mal que porventura houve fui eu que o pratiquei, — disse em voz baixa — Se Val foi preso, fui eu a causa da escolta ir á caça delle. Eu ou Deus!

— Val... — rosnou Flaherty. — Tomo os céos por testemunha de que eu não sabia quem era a pessoa atraz da qual andava. Se o soubesse, talvez nem coragem tivesse para cumprir o meu dever!

— O teu dever que vá para o diabo, perverso! — bradou Galbraith, desvairado. — Onde está o meu filho? Isso é que eu quero saber! Onde está meu filho?

Como a responder, a porta abriu-se hesitantemente, e Val appareceu a arquejar por entre os labios orlados de espuma.

— A escolta, — disse penosamente — Vem ahi atraz... — e logo, como lhe fraquecassem os joelhos, cahiu para a frente sobre o rosto, junto ao banco.

Tom Flaherty arrancou o rifle das mãos de Pedro com um gesto firme, e poz a arma para o lado. O seu movimento, tirando o capote e o bonet a Jen e pondo-os em si mesmo, pareceu acalmar a raiva do velho que se aboletou numa cadeira a um dos cantos da sala, a observar com os olhos os phraseados e rapido desenrolar dos acontecimentos.

Na penumbra de fóra, para além das janellas revestidas por uma espessa crosta de neve, um grupo da policia montada fez alto; o seu commandante, apontando aos seus homens o refugio das cocheiras, apeou-se e acercou-se d a porta. Tom Flaherty respondeu á pancada peremptoriamente batida á porta, fazendo continencia e declarando:

— Tenho o prisioneiro em meu poder, mas vou entregar-lh'o, ao commandante, porque pretendo renunciar o meu logar agora mesmo, ás 8 e meia da manhã.

Jen lançou um olhar de surpreza ao relogio. Eram oito em ponto. Dentro de meia hora, Tom estaria livre do seu juramento, e...

— Mas, porque, Flaherty? — perguntou intrigado o tenente Jules. — Já reflectiste bem? já tens alguma coisa arranjada para depois?

Tremeram os musculos aos cantos da bocca do mancebo.

— Tenho tudo reflectido e arranjado, senhor.

— Está bem. Nada mais me resta senão levar o preso para a Central, creio eu, — fez Jules hesitante, mas encaminhando já os seus passos para a figura cahida junto á lareira. Jen lançou um olhar de agonia ao relogio: oito e dez! Faltavam ainda vinte minutos para Tom se tornar num cidadão particular, com um par de pulsos rijos á disposição da sua bella. E occorreu-lhe então uma idéa maprocurando evitar que a tampa da cafe-

— Mas o Sr. não pode partir assim, sem se confortar um pouco primeiro! — disse encaminhando-se para o fogão e gnifica.

teira denunciasse como lhe tremiam as mãos. Depois, com uma segunda inspiração, atirou ao joven tenente o mais gracioso dos seus sorrisos. O commandante da escolta terminou a sua segunda chicara de café, agradeceu respeitosamente a Jen, e levantando-se, tocou com a ponta dos dedos o hombro de Val.

— Sinto muito, meu rapaz, mas não tenho remedio senão levar-te commigo!

Tom fez-se rigido ao ouvir soar a meia hora.

— Queira desculpar, commandante, mas este relogio está certo com o seu? Está certo? Bem, muito agradecido.

Dando volta á mesa com grande pasmo do representante da lei, collocou-se então, ao lado de Val.

— E agora que não sou mais policial, e sim um simples particular, tomo a liberdade de lhe dizer, commandante, que nem que o Sr. me faça em postas levará este rapaz comsigo!...

Toldou-se o rosto do official de uma nevoa vermelha.

— Não seja maluco, Flaherty! Um passo á rectaguarda! Um passo...

Mas não poude proseguir porque o pulso de Tom lhe apanhara em cheio a ponta do queixo, e o official não se pudera mais lembrar do que havia tencionado dizer. A luta foi singularmente breve.

— Sinto, muito, senhor! — disse Tom a desculpar-se, ao mesmo tempo que amarrava o official a uma cadeira e lhe tapava a bocca com um lenço.

— Não se afflija. Afinal que quer o Sr.? Um prisioneiro para levar comsigo? Pois vae ser-lhe feita a vontade!

Tirou o casaco com os botões de metal, atirou-o para o lado, e disse ao rapaz:

— Dá-me o teu bonet e o teu casaco, Val!

Jen correu para elle, em supplicas.

— Não faças isso, meu amor. São capazes de te matar! E eu não resistiria! Seria um mundo vazio para mim! Não fujas, imploro-te.

— Sabes? — disse Tom, arredando-a com brandura.

— Afinal Val não fez ao Diabo de Neve senão o que no seu caso eu faria tambem! Tranquillisa-te: se eu fôr apanhado, é só questão de algumas semanas de prisão por aggredir um official, mas não se tratará de forca nem por sombras! Pierre: prepara o trenó e leva Val, o pae Galbraith e Jen para além da fronteira, emquanto eu attraio a attenção dos agentes para uma falsa pista.

Apertou a moça ao peito num amplexo vigoroso que desmentia o ar descuidoso das suas palavras, abriu a porta e bateu-a com violencia, produzindo um rumor que ecoou através a neve como um tiro de pistola.

Pela janella, Jen vio-o montar no cavallo de que ella se servira na vespera e galopar á disparada. Ao mesmo tempo quasi, emergiam da cocheira os soldados da escolta. Quando o ultimo delles se sumiu na estrada para onde se haviam lançado á caça do fugitivo, Jen voltou ao quarto e apanhando o capote azul do uniforme de Tom, ficou a contemplal-o desalentadamente.

— Eras bom demais para mim, meu pobre Tom!

Inconsciente, mas com sinistra significação, empregou o preterito. Houve, porém, um futuro para Jen e Tom Flaherty, graças a Pierre — que adorava Jen insensatamente desde que — criança ainda, risonha e linda — a carregara ao hombro, e que sempre apaixonado, só pedia uma occasião de se sacrificar.

Foi de facto Pierre que, ao alcançar o trenó o cavallo de Tom, precisamente no momento em que elle se abatia sobre a neve, correu em soccorro do ex-agente e recebeu em cheio no peito a carga destinada ao namorado de Jen. Foi elle ainda que pregou aos policiaes aquella heroica mentira de haver sido elle, elle só, o matador do Diabo de Neve, e com a mão prestes a enrijar-se para a morte, assignou de cruz a confissão que fizera.

Depois, com um vago sorriso nos labios que Jen havia beijado, a alma de Pierre partiu galhardamente para a derradeira jornada.

— Fui eu que matei o Diabo de Neve! — declarou lentamente Val.

— Fui eu, *só eu* que matei o mestiço! — insistiu Tom Flaherty.

O Cabo Byng olhou de um para o outro, e por fim demorou os seus olhos no rosto de Jen. Mas até nos cabos da Policia Montada se encontrava as vezes coração.

— Disseram-nos para levar um as assino, mas não nos disseram para levar tres! — disse. — Vamos, rapazes, ajudem-me a amarrar este pobre rapaz ao cavallo, e já sabem: se alguem perguntar alguma coisa, só tem que dizer que *em toda a manhã não vimos mais ninguem.*

Talvez, por esse defeito visual, o cabo Byng não visse tão pouco Tom e Jen apertados nos braços um do outro. Mas pairou de todo o modo em seu rosto um sorriso triste, e o bom irlandez afastou-se, a modelar uma canção de amôr da sua terra.

A T L A N T I D A

(Fim)

lhes que o mandassem enforcar sem demora.

Ouviram-lhe a historia com amavel incredulidade, retorceram os bigodes, e disseram-lhe bondosamente que se retirasse para casa e gosasse um bom descanso:

— O senhor passou por uma prova torturante — disseram-lhe, enternecidos, os officiaes — e ainda soffre das allucinações

que povoaram a sua triste peregrinação. Não existe nenhum oasis como esse de que o senhor fala, nem semelhante exemplar de belleza e de crueldade feminina. Vá para Paris, passeie pelos boulevards, dê um pulo ao "Varietés" e esqueça-se dessa... — como é que ella se chamava? — ...Antinéa!

Saint Avit obedeceu. Seguiu para Paris, mas percorreu os velhos sitios tão seus conhecidos, como um morto que vagueava entre sombras. A todos quantos podia alcançar por ouvintes, descrevia Antinéa, mas claramente via nas physionomias que o tinham por um embriagado ou um louco.

— Ouçam, insistia desesperado. — Ella era a Venus do Louvre resuscitada, o mesmo collo, a mesma bocca, aquella bocca que qualquer acceitaria beijar a troco da vida. Juro-lhes, juro-lhes que a vi tão certo, tão claramente, como os estou vendo aos senhores.

Por ultimo, por occasião de jantar com dois outros officiaes, surprehendeu-lhes um clarão de interesse nos olhos e procurou falar-lhes com convicção. Forcejou por se recordar de pormenores que emprestassem realidade á sua sinistra historia, e tão calorosamente falou que os dois officiaes, mão grado seu, se deixaram convencer. No penumbroso andar terreo daquelle café de Montmartre, penetrou de subito uma viração que trazia em si uma atmosphera espicaçante, uma viração que tinha um quê de exotico, de tentador, uma suggestão de aventura.

— Com mil bombas! — fez um delles, dando um murro na mesa. — Chamem-me maluco se quizerem, mas por minha parte, creio nas palavras de Saint Avit!

— Uma viagem á descoberta de uma mulher como essa! — disse o outro, com os olhos chispantes.

— Que aventura! Melhor que ir em busca de ouro, ou á procura de algum thesouro enterrado! Vamos com elle, Jacques? Amanhã partiremos para o deserto, queres?

— Pois está feito! — declarou Jacques, rindo animadamente. Os tres apertaram as mãos por sobre a toalha manchada de vinho e chamaram o proprietario do estabelecimento, a quem reclamaram lhes fosse servido o que de melhor houvesse na casa.

Afogueara-se o rosto de Saint-Avit, devastado pela febre. Embriagava-se de felicidade á idéa de tornar a ver Antinéa, de no dia seguinte começar a caminhar para ella, talvez caminhar para a morte ou para o amor. E levantou bem alto a sua taça:

— Bebo por Ella!

De pé, beberam todos, sentindo que uma magia ultra-poderosa, que um poder irresistivel já os arrancava das suas vidas rotineiras, ao repetirem a saudação propiciatoria:

— Por Ella, sim; por Ella!

DA ALTA SOCIEDADE

(Fim)

foi Cecilia, cuja presença na festa elle ignorava, e que avançou para elle carinhosa: "Vem, meu velho amigo. Vou te chamar um taxi". Boa "Cis"!... Elle não podia entender aquella trapalhada, mas o certo é que era uma vergonha para elle.

Na tarde seguinte toda Londres accorrera a assistir ao Grande Premio. O jockey Mawley Jemmett, fez excellente sahida e "Dewdrop" se conservou facilmente na frente; e quando a corrida parecia ganha, Mawley calculou mal o obstaculo e elle e o animal foram rolar na poeira, deixando o primeiro logar a "Flickamarco". Cecilia ainda uma vez tivera razão. Algy estava limpo — mais do que limpo! E voltando a casa, decidido a partir para o Sul da Africa, afim de tentar fortuna, começou a reflectir na serie de cabeçadas que dera na vida, dentre as quaes era por certo a maior a estupidez de deixar Cecilia partir, quando o criado introduziu a Sra. Tudway. Ella estava desolada com o indigno procedimento do marido, mas Algy respondeu: "Não me recordo muito bem do que se passou. Minha falta deve ser um pouco seria, mas a senhora poderia desculpar-me com o nosso caro Brabazon." Si era assim, pensou, Gladys, si Algy estava esquecido dos acontecimentos da vespera, então não se lembrava tambem de que ella e o marquez de Quaromby deveriam encontrar-se ali ás dez horas daquella noite para fugirem para a Escossia. E quando ella acabou de lhe expor os seus planos, Algy franziu a testa e aconselhou-a: "No seu logar eu não faria isso; Brabazon é um excellente homem e lhe quer um grande bem; supponha que elle commetta uma violencia. Alguns individuos costumam mostrar o seu amor dessa forma.

Além disso, Quarmby é um desses temperamentos que enganam. A senhora acabará por odial-o". Nesse momento ouviu-se a campainha e Algy, fazendo-a passar para o seu quarto, dizia-lhe: "Vá, pense bem. Em dez minutos eu despacho Quarmby".

Mas o espanto! não era Quarmby. Quem appareceu foi Tudway, que em altas vozes perguntava, queria conta de sua mulher. Algy negava a presença de Gladys quando Quarmby entrou, acompanhado por seu pae. Tudway, insistiu; sua mulher estava atraz "d'aquella porta" — e apontava para o logar em que ella se achava de facto. Era horrivel o transe de Algy, sobretudo diante do tribunal impiedoso de seu pae e seu "impeccavel" irmão. Tudway avançou para a porta, Algy quiz interpor-se, quando uma voz feminina veiu pôr agua na fervura. Era Cecilia, que perguntava, sahindo do interior da casa, vestida para sahir: "Sua esposa ainda está cá Sr. Tudway? Tinhamos combinado ir juntas ao rink." — Sim, ainda está, respondeu Algernon com um olhar de desafio para Tudway. Algy ignorava o jogo de Cis, mas secundava-a com muito prazer. — Mas porque não me disse, perguntou Tudway. O Sr. sabia muita coisa a respeito photographia que eu encontrei aqui hontem, redarguiu Tudway com persistente desconfiança. — Oh! A photographia é minha, atalhou Cecilia. Eu a esqueci hontem aqui. E como Madame Tudway entrasse na sala, Cecilia sussurrou-lhe que a chamasse Cecilia e perguntou-lhe o seu nome de baptismo. Vendo a sua e a esposa de um lord tratarem-se por tu, com tanta intimidade, o fabricante de sabão não soube como manifestar a sua gratidão por tamanha honra. O proprio duque estava pela primeira vez na sua vida satisfeito com o filho mais moço. E quando todos se retiraram, Gladys de braço com o seu marido, evitando o olhar de Quarmby, Algy disse á esposa: "Cecilia, tu és admiravel! Nos tirastes a todos nós da fogueira. Como explicas essa tua intervenção providencial? Cecilia, então, contou que surprehendera o colloquio e os planos de Quarmby e de Madame Tudway no baile da vespera. Algy olhou para a mulher com uma expressão de orgulho e de ternura no semblante. E dizer que elle não havia comprehendido aquella creatura admiravel pela sua intelligencia e generosidade. Cecilia bem accommodada numa poltrona, junto da chaminé, cortou-lhe o fio do pensamento:

"Sabes, disse-lhe ella, o que vou fazer do dinheiro que ganhei em Flickamarco?" E depois de uma pausa: "Vou dal-o á ti", concluiu. Não, era de mais, elle não merecia, protestava Algy com os olhos marejados por lagrimas de um profundo enternecimento. As chammas da lareira punham reflexos de ouro nos opulentos cabellos de Cecilia, que nunca lhe parecera tão bella como naquelle momento. Oh! como elle a amava, como a desejava!... Cecilia lia-lhe nos olhos o que lhe ia nalma e perguntou-lhe si, como havia perdido o trem, não lhe seria possivel passar a noite ali. Lord Algernon duvidava dos seus ouvidos. Queres dizer Cis?... balbuciou elle com a voz tremula esmagado pela ventura. — Não desejarias, por acaso? disse lady Algernon, sorrindo. — Velha... velha amiga querida, foi tudo quanto achou Algy para responder, apertando-a com fervor contra o coração.

O DIABO AO LEME

(Fim)

tristemente. Ellen quasi nada dissera de si, mas Blanche adivinhou que ella viera de outro plano da vida e estava ali tambem, como ella, para esquecer. Ha de ser a mesma historia, pensou ella. A sympathia estabelecida entre as duas moças levou Ellen a morar em companhia de Blanche. E assim viveram algum tempo, sem que nada lhes viesse perturbar a existencia, nem mesmo as assiduidades de John Graham — que aliás nada tinham de importunas — junto de Blanche, por quem o seu coração palpitava transbordante do mais puro affecto.

Blanche nunca mais vira Taylor até aquella noite de Natal. John Graham inaugurava o seu novo cabaret com um sumptuoso *reveillon*. As duas amigas eram dos convidados e Blanche se regosijava com o exito da festa do sue velho amigo. Isso mesmo ia-lhe dizendo, numa intima saudação, quando se viu interrompida pelo tradiccional momento de treva, que á meia noite exactamente, se faz em todas as salas de *reveillon*. E quando a voz roufenha de um megaphone ecoou na escuridão insinuando: "Tendes dois minutos! Dois minutos apenas na eternidade! Aproveitae-os, porque a opportunidade talvez nunca mais volte", Blanche sentiu-se agarrada pelos hombros. Procurando proteger-se contra a liberdade do desconhecido que iria certamente beijal-a, os dois minutos passaram, as luzes se reaccenderam e ella se achou face a face com Roberto Taylor. "Tu!" exclamou elle. E, vendo a companheira de Blanche, o seu espanto redobrou: "E em companhia de Grace Eldridge?! Blanche comprehendeu tudo num relance, Ellen era um nome de emprestimo... Roberto lh'o confirmou com voz sumida pela decepção de encontrar Grace ali. Ah! elle devia conhecel-a... E, por seu lado, Grace vendo os dois que conversavam e tendo ouvido alguem dizer ao lado que aquella era a antiga amante de Roberto, sentiu como se o peito se lhe dilacerasse. Era então Blanche que lhe havia golpeado a existencia, reduzindo-lhe a alma a um frangalho!... Blanche desapparecera na sala com Roberto e Grace sahiu immediatamente, com o cerebro sacudido pelos mais incoheren-

A PAGINA DOS NOSSOS LEITORES

Sr. Operador. — Vae alguma injustiça nos conceitos emittidos no artigo intitulado "Comparando", subscripto por F. B., no penultimo numero do "Para todos...", com respeito á producção cinematographica americana e allemã.

Aquella, de feito, a par dos illimitados recursos de pecunia, por assim dizer-se, possue optimos elementos artisticos, dos quaes alguns insuperaveis, em seu genero. Assim, Mary Pickford e Pearl White.

A' ultima ha quem lhe negue dotes artisticos, porém, dou-lhe que os tem, e unicos: a arte do arrojo e das sensações. Fogem do commum. Eis tudo.

Os outros actores, salvante excepções, que me não occorram agora, rivalizam com os europeus.

Estes até os sobrepujam, ás vezes, como se já tem visto.

Pola Negri, por exemplo, não admitte confronto: tanto avulta no drama, na tragedia, personalisando as varias personagens, como se distingue na comédia.

Parece que não faz *ingenua* por lhe não permittir o physico.

Vejamos os americanos.

Doth só teve uma boa fita: "Chispas de fogo". Norma é sempre a mesma Norma, como "Para todos..." já fez notar. Assim, sua irmã Constance.

Mae Murray é sempre a deliciosa bailarina, e Ethel Clayton a boa dona de casa. Gloria Swanson é a que mais se salienta e Betty Compson a que mais me tem agradado, pela variedade de typos que incarna.

Note-se que não trato senão da constellação mais fulgurante.

Agora, o outro lado.

Eva May revelou-se nas fitas religiosas, mas agora creio vel-a á vontade na comédia. And Eged Nissen, aquelle temperamento irrequieto, exquisito mesmo, em "Sumurum" e *lady* Joanna em "Anna Boleyn. Mia é dramatica e comediante. Ossi, a deliciosa *princeza das ostras*, não fica nada abaixo de Bebé. Lotte, Cléa Lotto, Dagny Servaes, Lyda Salmonova, nenhuma, propriamente em arte, precisa de lições das suas rivaes americanas.

E' assim o elemento masculino. Se de cá existem Lon Chaney, Theodore Roberts, Wallace Reid, Valentino, Harry Myers, Frank Mayo, Thomas Meighan, Conrad Nagel, George Fawcet, Douglas Fairbanks, William Farnum, etc., lá avultam, e sem favor, Emil Jannings, Paulo Wegener, Harry Liedtke, Albert Bassermann, Alfred Gerasch, Albert Steinruck, Alfred Abel, etc. etc.

Eu concordo que haja comparações, mas, se o conjunto allemão actuasse em ambiente americano, por sem duvida ellas se desfariam

— Griffith, tambem, para mim, é o maior director de scena, porém, entre elle e de Mille, ha um logar para Lubitsch, que se avantaja por ser actor.

Por fim, deve-se pôr em relevo a questão sobre os enredos. Diz-se que, nos americanos, ha a vida em todas as suas modalidades, *far west* e *high-life*.

E mais uma questão de temperamento: onde o *far west* allemão?

Não comporta a vida aventuresca do americano do oeste a indole de qualquer povo europeu, pois se lá tudo são cidades...

Até é de ver-se que as tentativas para isso resultam simplesmente ridiculas. Vejam-se: "O rei da Camargue", "A filha do *far-west* francez" (sic) e outras.

Impressionou-me bem a chronica do ultimo numero.

Realmente, a censura deve ser completa, determinando a feitura escorreita das legendas.

Propositadamente, eu venho observando um facto interessante. Aqui, ao que parece, fazem umas enxertias muito espurias, nas já adulteradas que nos vêm; e estas, por serem introduzidas nas pelliculas, no Rio de Janeiro, o que importa dizer no meio mais alto do paiz, e onde, portanto, mais perfeito deveria apparecer o escripto, peores se vêem.

Um verdadeiro acervo, e feroz, de quanta sandice é um homem capaz de recolher.

"Um yankee na côrte do rei Arthur" é o exemplo mais actual. Tem coisas que horripilam.

Assim, será louvavel, e muito, o denodo com que o Sr. Operador, pelas columnas do mais acatado jornal sobre cinematographia, terçará armas, reivindicando a belleza do nosso lexicon, contra o exotismo, que nos vem d'alhures.

White Pearl.

Rio, 4 de Dezembro de 1922.

---

tes pensamentos. Ao chegar á casa a colera surda e terrivel que a dominava chegou ao auge do desespero, quando atravez da janella ella viu a companheira enlevada na contemplação de uma photographia que tinha nas mãos. Sim Blanche era bella, tinha as espaduas côr de leite, Roberto voltaria para ella. Graça empallideceu e murmurou por entre os dentes cerrados: "Ah! mas eu não o supportarei! Ella não o merece. Uma mulher assim deve ser castigada!" Disse; e, pouco depois, um ruido secco, uma vidraça que se parte e uma voz a gritar: "Ellen! Oh! Ellen, accode! Estou ferida!" Grace estatica, attonita, olhava o revólver que seus dedos crispados apertavam. De repente teve um sobresalto violento e atirou a arma longe de si, com uma expressão de horror no rosto. Não! não era possivel; ella não podia ter feito aquillo; era, por certo victima de um pesadello... E quando veiu o medico, Blanche explicou, emquanto recebia curativos no braço: "Foi um accidente. Minha amiga ouviu rumor, pensou que era um ladrão e atirou." Grace sentia-se esmagada pela generosidade da amiga, logo que o doutor partiu, ella protestava com os olhos em lagrimas: "Porque tentar proteger-me, Blanche? Tu sabes que eu fiz de proposito. Foi uma loucura, mas eu o fiz". "E eu sei porque tu o fizeste, minha querida. Foi o demonio do ciume, e mesmo que ha um anno me hypnotizou. Pensaste que eu ainda queria me casar com Taylor. Mas aprendi muita coisa da vida neste anno; e quando esta noite me encontrei de fronte de Roberto, juro-te que não senti mais nada — Mas e a photographia? inquiriu Grace. Vendo-te contemplal-a percebi que ainda o amavas". Blanche balançou a cabeça. "Apanha a photographia, ali sobre a mesa", pediu ella. Grace obedeceu, e, vendo o retrato, murmurou cheia de espanto: "John Graham! Mas eu não comprehendo!" Como resposta, Blanche apanhou o telephone, pediu um numero, e Grace Eldridge ouviu este dialogo: "E' Blanche quem fala, Roberto. Tenho magnificas noticias para ti. Grace sabe tudo e te perdoou. Vem amanhã... Não, espera... são duas horas agora... Vem hoje mesmo... sim? E boas festas, meu caro". E adivinhando as palavras de ventura que tremiam nos labios de Grace e que a emoção não deixava sahir, Blanche pediu nova communicação e falou: "John, é Blanche quem fala. Eu te chamei para te desejar um bom Natal e um feliz Anno Novo — e a mais feliz das festas que eu te posso dar, meu John".

❖ ❖ ❖

"A TODA A VELOCIDADE"

A Toda a Velocidade, film baseado sobre o famoso melodrama *The Fast Mail*, da auctoria do dramaturgo norte-americano J. Lincoln Carter, contém um sem numero de scenas assáz emocionantes.

A intrepidez e a audacia do protagonista Charles Jones, demonstram-se á saciedade, em um grande numero de situações, nas quaes este artista arriscou a sua vida.

A corrida de obstaculos de Dixiland, as regatas no rio Mississipe e a exploração das caldeiras de uma das barcas, bem como a corrida sensacional e arriscadissima de auto que o nosso heroe empenha com um trem expresso, são façanhas que ennervam os espectadores mais indifferentes.

UMA PROPAGANDISTA

As mulheres discretas fogem das vulgaridades e politiquices, para se dedicarem a outro genero de especulações e propagandas, mais em harmonia com as delicadezas do seu sexo.

A Luiza Michel é a negação mais absoluta da idealidade feminina. E assim como não comprehendemos a mulher suffragista, tambem não temos phrases para ponderar e applaudir as intelligentes moças que se dedicam a fazer propaganda dos artigos honestos, sãos, bons e efficazes, que milagrosamente se tem inventado e descoberto, para conservar ou desenvolver os encantos da sua belleza, dom supremo com que a natureza tão prodigamente dotou esta formosa metade do genero humano.

Assim quando uma jovem, em nome dos deveres que essa mesma natureza lhe impõe, advoga as virtudes excelsas de um producto chimico como o grande Tricofero de Barry, unico tonico que sem charlatanismos nem embustes, limpa, conserva e dá esplendor aos cabellos, encanto sobrenatural da formosura da mulher, parece que essa jovem preenche uma missão, pois secunda a obra da sabedoria divina, salvaguardando um dos seus supremos dons.

— O Tricofero de Brry, não é uma droga, temos ouvido dizer a uma d'essas deliciosas propagandistas — O Tricofero de Barry é uma inspiração do ceu, posta ao serviço do homem, como um d'esses mysteriosos succos vegetaes que geram saude e salvam a vida. Este salva o cabello resuscitando-o da sua decadencia e talvez da sua morte.

MONTEVIDEO

TANGO - MILONGA

Por ROBERTO FIRPO

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

pizz.
mf dolce
fff
con dolore
8alta
pp
FIN
pp
pp
D. C.
D. C.

Off. Graphica d'O MALHO